sempre uns despotas. Por mais talento que elles tenham, desconfiem sempre dos solitarios orgulhosos que vagueiam na sombra absorvidos pela gestação dos seus planos interiores. Quando veem á sociedade, é, quasi certo, para a acometer.

As aulas oficiaes, como ainda as ha (felizmente cada vez menos), com a sua opressão de lições a dedo, em obediencia ao programa fatal, sobrecarregam tanto os que na mais louvavel intenção se lhes dedicam, que os sequestram e isolam. Por isso ainda alguns premiados, no seu forçoso afastamento, coitados! parecem, se muito inteligentes, uns oligarchas, se pouco, uns escravos. E os cabulas são frequentemente os estudantes mais amados, mais cotados. Se elles quizessem estudar! proclamam admirativamente os condiscipulos. Pois estavam talvez perdidos. Para resistir ao archaico regimen mental dessas aulas, estudando, horas e horas por dia, passivamente, só organizações privilegiadas. E os cabulas não atraem sómente, porque fazem o efeito de espiritos mais liberaes, de seres mais livres, mas muitos delles realmente porque o merecem, porque são elles os que

mais se dão. Deixou Coimbra no fim do derradeiro anno lectivo um, que ficou celebre *. Porque? Pelas suas folias? Talvez elle proprio o pensasse, quando dellas fez chronica, levando as anedoctas deste pequeno meio, onde nos sorrimos dellas inofensivamente, familiarmente, porque todos sabemos o estro inventivo donde brotaram em desforço jovial de pesadas solenidades, lá para fóra, para onde, longe da fabulação originaria, a maledicencia publica póde fazer dellas temas de libello para doestos e censuras a professores e a discipulos. Não! não foi pelas suas folias que elle se notabilizou. Algumas doeram mesmo aos que mais lhe queriam. Não! Foi pela sua efusiva emotividade, porque nunca se pertenceu só a si e esteve sempre pronto a arranchar alegremente com todos que procuravam mitigar com elle a sêde de sociabilidade que nos devora sobretudo na juventude. Foi por isso; e por isso muito lhe deve ser perdoado dos desmandos da sua bohemia academica. E, de resto, ainda que elle aparente que não, vê-se que apro-

* Alberto Costa.

veitou a sua Universidade. O seu livro é a revelação dum prosador.

Meus amigos, estreitem cada vez mais os seus vinculos moraes. Devotem-se á sua Sociedade philantropico-academica, que é um titulo d'honra para o seu coração; acrescentem á assistencia a previdencia, constituindo uma cooperativa de consumo e fundando um cofre de socorros mutuos para quando enfermos; e promovam por todos os meios a reconstrução do seu antigo solar, onde prosiga amplamente o debate, quasi de todo suspenso, que deve preceder a eleição dos seus corpos gerentes, dos seus governantes.

Grande escóla a vida academica! Ella supre as lacunas do ensino oficial. As suas Faculdades não são só as mais frequentadas, produzem. Quando se diz escóla de Coimbra, é quasi sempre della que se fala. Ella é sobretudo uma iniciação moral, uma escóla de governo livre. Mas cada geração nova que vem sentar-se nas bancadas escolares, não se segrega por isso da sociedade, da nação.

Tem logo a representar-lha os seus mestres. A academia de Coimbra é uma colo-

nia que a metropole portuguêsa confia á direcção do corpo docente. Zele, pois, a sua autonomia; mas não leve o ciume da sua independencia até ao excesso de olhar com desconfiança e hostilidade o professor, a autoridade representante da mãe patria. Ser livre não é ser esquivo e fugaz. Não se deixem arrastar por um anarchismo paradoxal, que não é senão dissociação, atomismo. O sentido lexico do termo confunde. A sociedade não caminha para a abolição do governo. Desde o tribunal arbitral entre o patrão e o operario até ao tribunal arbitral entre as nações, é por toda a parte a mesma aspiração, a mesma ancia de justiça, de governo. Não se trata de suprimir a autoridade, mas o arbitrio pessoal. Implantar o governo directo comum de todos só é anarchismo, porque é acabar com a usurpação do governo exclusivo dum ou dalguns. Só esse anarchismo queiramos, que só esse é legitimo.

Não renunciem nunca ás franquias do seu pensamento. Sejam briosos com os seus professores, não os cortejem, não os adulem; mas não os evitem, não suspeitem em cada um delles sempre o despota

intratavel. Bem sei que a separação entre o professor e o aluno vem tradicionalmente do velho dogmatismo catedratico, mas os tempos mudaram e com os tempos os professores, hoje mesmo alguns com rostos tão imberbes que lhes falta o fisico para taes prosapias autoritarias; e, se essa separação excepcionalmente persiste, não a agrave, não a encarnice por sua parte o aluno! Quantas vezes ainda com o estudante que se forma, se forma o inimigo da Universidade! Não póde ser, não deve ser mais assim! Como os rapazes se enganam e são injustos com os seus mestres, viu-se outro dia tragicamente, tremendamente. Procurem-nos sem falso pudor de independencia, vão para elles, forcem candidamente a sua intimidade, falem-lhes, discutam com elles desassombradamente como em casa com os seus paes e com os seus irmãos mais velhos, desenruguem-lhes a rispidez, comuniquem-lhes a sua vida e o seu calor, conquistem-nos.

Todo estudante havia de deixar na Universidade, a lembrá-lo e a attraí-lo para ella, como um anel de noivado intelectual, as doiradas primicias das suas lucubrações,

sempre fulgidas de esperança dos mais nobres destinos. A obra do professor deve ser em grande parte a dos discipulos. Nem elle póde fazer melhor publicação do que a dos seus talentos e aproveitamento. Contribua cada aluno para essa obra com uma parcella, uma scentelha, um reflexo do seu espirito, seja com o que fôr, uma preparação, um desenho, uma observação, um ponto de vista, uma frase, um dito original ou pitoresco qualquer. Tudo serve. Tudo deve o professor entesoirar com o mesmo amor e o mesmo orgulho com que o pae anóta e exalta as louçanias dos seus filhos. O meu querido mestre de chimica, dr. Albino Giraldes, reuniu assim ternamente na sua memoria sobre isomeros a colaboração de dois distintissimos discipulos, Alfredo Lisboa e Rodrigues Vianna, ambos brazileiros, que foram dos melhores, mais inteligentes e instruidos, mais modestos e dedicados, estudantes do meu tempo.

O mal, na Universidade como no país, não provém tanto dos homens como do regimen. Urge reformar radicalmente a legislação do ensino universirario. Mas reformas, inovações, mal se podem fazer,

nem quasi se comprehendem, sem o dispendio ardente do sangue impetuoso da mocidade. Cooperem para ellas os alunos com os professores. E, se os professores se não apressarem a reclamá-las e promovê-las, incitem-nos, acoroçoem-nos os alunos com todo o ardor da sua fé e do seu entusiasmo. Foi a nossa mocidade academica, foram até os seus teologos, que, não ha muito, saindo á estacada, repeliram a tentativa feita em côrtes para a invasão legal da egreja catolica lusitana por diplomas de teologia passados em Roma. E foi ella, em massa, e quasi só ella, que, recentemente, pela minha voz, na conferencia que a seu convite fiz no Instituto de Coimbra, protestou contra a injuria ditatorial e contra a farragem pretenciosa da ultima reforma universitaria. Honra lhe seja!

Nada do que importa á Universidade, é estranho e póde ser indiferente aos seus alunos; e o seu estatuto dos estudos diz-lhes directamente respeito. Reformas ha mesmo por que ninguem mais competente para representar do que elles. Uma lhes apontarei. Qual é o que se não sentirá vexado na sua dignidade pelo preceito

legal que lhe põe todos os dias defronte, policialmente, a velar pela exactidão do seu estudo, de interrogatorio desembainhado, o seu professor? Pois este exame continuo, impertinente, sempre suspenso sobre a sua cabeça, sobre a honradez e a delicadeza da sua consciencia, não lhes pésa e não os irrita como uma suspeição e uma afronta? Não se revoltem por isso contra a aula e contra o professor; mas reclamem energicamente a reforma da lei. Afirmem com altivez aos nossos governantes que não estão aqui para fazer um curso estrategico de ociosidade em guerra acêsa com os seus mestres, que sabem muito bem que estão para estudar, para colaborar intimamente com elles pelo progresso da sciencia e da nação. Uma Universidade não é precisamente uma escóla de correcção de vadios.

O povo academico tem afinal sempre ao seu dispôr um ultimo recurso contra os regulamentos e rituaes importunos e deprimentes: é não os cumprir. E está claro que usa delle. Até abusa, o que não admira, porque desse recurso é realmente muitas vezes dificil usar bem. Eu

não lho posso aconselhar e aplaudir cegamente; comtudo não posso tão pouco reprovar-lho redondamente, em principio. Ha uma desobediencia legitima. Mal da lei escrita, se ella briga com a lei moral! E ha um inalienavel direito soberano de legislatura, que pertence a toda a gente. Quando uma lei é má, em regra não se substitue logo por outra, não são só os parlamentos que a revogam, são quasi sempre os costumes que antecipadamente a vão dissolvendo, obliterando, derogando, de tal modo que, pouco a pouco, pelo seu antagonismo com o espirito publico, com a razão, não ha já autoridade para a aplicar sem violencia, até sem ridiculo. Temos assim abolidas de facto varias disposições do nosso codigo penal, e outras leis e instituições vão assim morrendo na alma da nação.

Por este meio está a academia fazendo a execução do seu uniforme historico. Já no meu tempo se dava rebate contra elle pela exibição sediciosa de altos colarinhos relusentes e longos punhos brancos esticados; e havia muito que o traje do estudante deixara de se confundir com o do

padre ou o do seminarista. Não era só outro ar, outra desenvoltura da capa e petulancia do gorro; a propria batina se modificara, abrindo-se rasgadamente de frente ás exigencias da civilização. E hoje quantos ramos de violetas, quantas gravatas escarlates, quantos coletes vistosos e mirabolantes não rompem ahi em som de guerra, como gritos de protesto e revolta, dentre as negras vestes! Que reitor, que conselho de decanos ha de seriamente impôr condenação por taes delitos? E o caso é muito mais grave do que á primeira vista parece, porque se não trata apenas de meras infracções ao rigor da pragmatica; a propria existencia do uniforme legal, a academia, de cabeca descoberta e capa já dobrada sobre o hombro, põe em crise. Mas que fazer? como restabelecer o cumprimento e o prestigio da lei? O dr. Daniel de Mattos e os seus colegas da Faculdade de medicina proscrevem-na em nome da higiene. A moderna pedagogia refuta-a como um erro psychologico da velha escóla mistica medieval, que, para concentrar o aluno nas profundezas da meditação, assim como lhe tolhia os movimentos, obrigando-o a estar

sentado . e silencioso horas seguidas nas aulas, assim tambem, para o desviar das sensações, tudo fechava e ensombrava em volta delle, enegrecendo-lhe as carteiras e os bancos da aula e vestindo-o de luto. Movimentos, sensações eram distracções, eram dissipações perigosas do espirito. Para pensar, o homem tinha de se amputar, de se mortificar. Quem entende hoje assim a educação? Só a reacção negra. Para um rapaz desenvolver a sua inteligencia, hoje entende-se necessario que exercite harmonicamente todas as suas forças e faculdades. Estudar é viver. A aula deve ser como a vida, activa e livre; e a capa e batina é mortuaria, não só nos apaga e rouba aos olhos a luz do ceu, mas ainda nos ata e envencilha os braços que queremos cada vez mais desembaraçados para a nossa acção sobre a terra. Reforme-se, pois, o traje academico! Não esqueçam, porém, na sua campanha demolidora, que o passado, da indumentaria que seja, tem fóros ao culto e á piedade dos novos, e que, no seu antigo uniforme corporativo, na dramatização romantica da capa e batina, ha linhas decorativas, ha tradições a

respeitar. E vejam se fazem a reforma, sem até lá ferirem com as suas revindicações a estética e o coração dos velhos como eu.

Meus senhores! Os estudantes da academia de Coimbra não são só membros da cidade universitaria, são tambem cidadãos da nação. Tẽem deveres para com ella, para com todos os seus concidadãos, a começar logo por aquelles que, nesta hospitaleira Coimbra, aqui ao pé labutam para os ajudar diuturnamente nas suas lides. São solidarios com a patria. São seus soldados!

Tẽem deveres mesmo muito grandes, porque são ricos. Ainda os que não são ricos de dinheiro, possuem a mocidade e o vigor, os talentos e a instrução, inestimaveis bens. Não os dissipem! Não convertam essas forças de vida em armas d'ataque contra ninguem, e, cautela! não maltratem, não pizem nunca com ellas os humildes, os fracos! Não abusem dos atractivos da sua gentileza; não atraiçoem a confiança que inspirem nos seus contractos; não espalhem em volta de si os aristocraticos des-

dens intelectuaes de quem se julga, por direito divino, senhor das idéas, do saber. Nada de despotismo! Nem a paixão do estudo levem até ao olvido sequer dos outros, sobretudo dos que por seu amor mais trabalham e penam. Formem-se, não se alienem! Saber é, antes de mais nada, saber amar. O egoismo da felicidade espiritual, seja nesta vida, seja noutra, é sempre deshumano, até para com o proprio egoista. Tornem-se dignos dos bens que possuem, repartindo-os, desveladamente e modestamente, como uma obrigação, por todos os necessitados. Dêem-lhes mais que tudo do seu pão do espirito, em conferencias, em palestras, em leituras; e, quando não puderem dar-lhes mais nada, dêem-lhes a sua alegria, o seu afecto, o seu sorriso. E' o que frequentemente ainda mais falta lhes faz. Ha um direito dos pobres que as novas gerações têem de proclamar desde as aulas pelos seus actos. *Sursum corda!*

E, quando, pela experiencia dos seus esforços, conhecerem e sentirem o que custa hoje entre nós a cumprir o dever, e como tudo que individual ou mesmo

corporativamente se faça, dentro do actual regimen, é tudo pouco e, a revêses, ineficaz para acudir á enorme miseria, como ao nosso rijo povo, ao nosso inteligente, activo e bom povo, hoje é dificil viver e quasi impossivel pensar, trabalhar, amar, formulem nitidamente na sua consciencia esta pergunta: Quem são os autores, os culpados de tanta mingua e desconforto? Quem são os criminosos? E, quando verificarem que a causa de todo o nosso desfalecimento e ruina, o responsavel de todos os nossos vexames e descredito, de todas as nossas angustias, é a reacção, a reacção clerical com a sua intolerancia, a reacção financeira com os seus monopolios, e a reacção cesarista com os seus privilegios, oh! então poupem ainda os homens, que nem dos agravos á sociedade é licita a vindicta, mas sejam intransigentes, implacaveis com as instituições, e, tendo forcejado por cumprir todos os seus deveres, assumam com egual decisão todos os seus direitos, façam como os estudantes russos, comecem tambem a ser governantes — que, mesmo onde governam, não governam só ministros, deputados e eleitores — cha-

mem aos seus centros e comicios o povo, vão ás suas sociedades, interpellem-no, ralhem filialmente com elle pelos seus desmedidos sacrificios, excitem-lhe, descarnem-lhe mesmo a sensibilidade moral, despertem-lhe, inflamem-lhe os brios civicos, e intimamente identificados com elle no mesmo pensamento, nas mesmas aspirações redentoras, ponham-se á sua frente, com o denodo simples com que Vasco de Quevedo ha quatro annos expoz o peito á bala que o varou, bradando com toda a vehemencia da indignação: Abaixo as tranias! E o seu vibrante grito patriotico irá resoando heroicamente por todo o país, de coração em coração, como uma esperança alada de rejuvenescimento, de dias felizes, de resurreição da liberdade, de salvação nacional.

Eis, meus senhores, a nobre missão que jubilosamente atribuo ao Centro academico republicano de Coimbra, almejando-lhe um exito triunfal.

A Estudantina de Santiago de Compostella

Excellentissimo prelado!
Sabios lentes!
Prezados hospedes!
Esperançosos academicos!
Meus senhores *!

Espanhoes e portuguêses, depois de termos epicamente descoberto ignorados mundos, precisamos hoje de alguma da nossa heroicidade atavica para nos irmos tambem descobrindo de parte a parte. Ha ainda entre nós um mar tenebroso de preconceitos que rasgar ousadamente. Eu, que me honro de pertencer á espiritual

* Discurso proferido na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra, em 22 de fevereiro de 1901, na festa promovida em honra dos estudantes compostellanos pelo vice-reitor, dr. Antonio José Gonçalves Guimarães.

falange dos que ha muito se veem esforçando pela nossa aproximação peninsular, saúdo com a maior efusão os juvenis argonautas que agora nos chegam da Universidade compostellana. Nenhuns outros, de certo, mais proprios para a estreitar do que os simpaticos filhos dessa lusitana Galliza, que tão poeticamente enlaça as suas origens comnosco. Bem vindos sejam!

A historia, constituindo-nos em duas nações distintas, Espanha e Portugal, para compartirmos por egual a hombridade de povos independentes, não quiz condenar-nos por isso desnaturadamente a uma vida de repulsão e de lutas, mas sim confiou-nos, com a independencia, a grata missão de mais e melhor nos amarmos, de sincera e dignamente nos aliarmos pela livre inclinação das nossas vontades.

E tudo nos convida a cumpri-la!

O nosso tempo é, mais que nunca, de cordialidade. No mundo moral moderno dá-se já uma verdadeira gravitação universal. Esta atracção das almas faz-se até segundo a mesma lei que rege a atracção fisica dos corpos; e por isso os dois grandes problemas da civilização são en-

grandecer as almas pela instrução e encurtar as suas distancias pelo trabalho, para mais as atrahir. O socialismo ha de provir inelutavelmente do poder magico do desenvolvimento das nossas faculdades, que todas conspiram para o bem, e dest'outra vara de condão, que um dia nos poz em comunicação pela palavra oral, outro dia pela palavra escrita, outro pela impressa, e que, depois de ter submetido para sempre á sagrada causa da paz e do amor até a fôrça do vapor que ruge no vulcão e a fôrça da electricidade que troveja no raio, domesticado em grande parte o globo, não se passa quasi um instante sequer, que não desentranhe dos corpos uma nova vibração com que mais nos enleia e comove amoravelmente as almas.

O patriotismo é sem dúvida um direito, mas o internacionalismo é ao mesmo tempo um dever. Assim como a vida autonoma dos municipios e das provincias é condição indispensavel para a solida organização nacional, assim a das nações para a organização geral da sociedade. Mas organizar não é separar. A humanidade que, logo que pôde, iniciou a sua educação cosmopo-

lita pela arte, religiosamente, levada da fé comum, fazendo, por exemplo, da Europa medieval um só estado unificado pela adoração da cruz, ella que a foi sucessivamente adeantando pela industria, derruindo barreiras entre povos e classes, em nome não já da felicidade numa outra vida, mas nesta mesma, em que não é licito abandonar ninguem á simples consolação dum doirado sonho celestial, ha quanto não anceia por dar execução ao seu ideal de ver todos os seus membros vinculados, sem antagonismos egoistas, scientificamente, pelos principios supremos da razão, num sentimento desinteressado de pura justiça? Ella anda nesse afan por toda a parte; e, se no velho continente as desegualdades antigas, tão arreigadas! mais reagem, no novo a sua obra já deslumbra nos Estados-Unidos da America do Norte, e agora mesmo começa a reluzir nos da Australia, o novissimo continente.

E é esta politica de cordialidade, sobre que as classes governantes mal chegam ainda a entender-se, a que cada vez proclama com mais energia a consciencia publica, que é quem hoje ergue clamoro-

samente a sua voz para protestar na Inglaterra contra as violencias aos boërs, na Alemanha contra as crueldades duma punição sem quartel aos chinêses, e na Austria-Hungria e na França contra os odios de raça e de religião. Fala-se, e ainda bem, na educação do povo; mas o povo é afinal quem principalmente nos educa. Esta politica de cordialidade é a que elle, sempre nas avançadas do progresso, esboça já na sua formidavel cohorte internacional, dia a dia mais numerosa e disciplinada para a campanha das revindicações sociaes, que todos, ainda os mais endurecidos, vai conquistando, não á mão armada, que nada edifica sobre a terra, mas pelos milagres da união e da piedade e assistencia mutua.

Receia-se alguem desta candida aspiração? Pois as bôas relações internacionaes são mesmo necessarias á liberdade das nações, porque é nos mal entendidos, nas desconfianças e malevolencias que se interpõem entre ellas, que se estriba a tirania, quando não póde cevar-se nas dissensões intestinas. E quem ha que não comprehenda, depois de tantas experiencias, que

toda associação, grande ou pequena, só póde hoje em dia constituir-se, sustentar-se e valer pelo respeito reciproco dos seus associados? Que é que deu á França imperecivel gloria? A sua epopeia liberal. Que foi que a abateu? O imperio, duas vezes o imperio. Que é que fez a unidade italiana e a unidade alemã? O liberalismo. Que é que a compromette e quiçá venha a pô-la em risco? A centralização autocratica e militarista. Que é que tornou extraordinariamente grande, rica, poderosa e querida a Inglaterra contemporanea? O seu liberalismo. Que é que lhe traz as pungitivas dificuldades da hora presente? O imperialismo. Que é que resuscitou a Grecia? O heroismo da liberdade. Só por ella nos salvaremos tambem, Espanha e Portugal.

Meus senhores! Deixemo-nos levar na afectuosa corrente. E espanhoes e portuguêses, conscios e ciosos uns e outros dos nossos direitos, mas tambem da solidariedade do nosso destino, demo-nos francamente as mãos, abracemo-nos, mais do que como bons visinhos, como bons irmãos.

MEUS SENHORES *!

A sua visita, que nos trouxe dias de festa, relembra-me a sua Santiago, envolta, como numa negra mantilha, nas pesadas sombras da lendaria catedral — cuja molle imensa parece mesmo o montanhoso coroamento dos escalvados terrenos graniticos convisinhos —, e as esfusiadas de vida que, em meio daquella ascetica desolação, irrompem, á maneira dum protesto, dos olhos radiosos das mulheres e do fogo da fisionomia e do gesto, da animação e da alegria dos rapazes. Toda risonha de revoadas de esperanças neste mundo, ergue-se donairosa ao pé da vetusta catedral a celebre Universidade. Tenho ainda bem presente a gentileza do estudante que ma andou amostrando, com uma ilustração rara para a sua tenra edade: aluno de direito, de tudo me

* Discurso proferido no Instituto de Coimbra, na noite de 23 de fevereiro de 1901.

dava conta, da sua e das outras Faculdades. Eu saí encantado. Depois, é uma cabeça de mulher, toucada de gloria, que revejo, a da ilustre galêga, honra das letras hispanicas, Emilia Pardo Bazan, cujo forte perfil avulta pulcramente como a mascara dum medalhão romano, e cujo pasmoso talento, robusto, invasor, mundial como o genio do povo-rei, é ao mesmo tempo natural, desprendido, ondeante e subtil, feminino até na sua propria exuberancia. E a essa grata imagem se veem juntar na minha mente as dos abalizados professores, titulares do ensino compostellano, que pude conhecer e admirar mais tarde, uns ainda hoje no seu posto de combate, proseguindo nas rijas arrancadas contra a ignorancia e o erro, outros já infelizmente prostrados pela morte no proprio campo das suas galhardas façanhas pelo progresso e emancipação do espirito humano. O que eu me sentia, o que me sinto atrahido por elles, por todo esse heroico grupo espanhol de strenuos paladinos do ideal, cujo centro, mais que dirigente, emotivo de acção, se esconde modestamente em Madrid, na amoravel Instituição livre de ensino! Que saudades!

E' todo o meu coração que pulsa estremecidamente á secussão magnetica de algumas das minhas mais caras lembranças.

Nesse grupo penso, sempre que penso no futuro da Espanha, da prodigiosa Espanha, tão digna de resurgir na historia para os mais brilhantes destinos. A elle rendo tambem neste momento as minhas homenagens, ao acolher aqui, em nome do Instituto de Coimbra, estes seus discipulos, nossos amaveis hospedes, filhos da laboriosa e dolente Galliza, almas gemeas das nossas, que o mesmo sol aquece e colore egualmente, que a terra engalana e perfuma de eguaes flôres, que o mesmo largo mar abraça e enamora com os seus misteriosos cantos longinquos, e que o mesmo sangue embala e atormenta com os mesmos sonhos e a mesma crispação do infinito.

Meus senhores! A' antiga intimidade artistica e religiosa entre Espanha e Portugal acresceram notavelmente desde o meado do ultimo seculo, pelo esforço sobretudo do povo trabalhador, as relações industriaes e economicas, dia a dia mais numerosas e estreitas. E oxalá que estas romagens da mocidade universitaria das

duas nações se repitam e amiudem duma á outra, para que, ao contagio do seu entusiasmo primaveril, comungando fervorosamente no mesmo culto da verdade e do bem, ellas entrem de vez no convivio scientifico e politico, que ha de consolidar para sempre o seu poderio e o seu prestigio moral!

A Estudantina de Valladolid *

MEUS SENHORES!

Com enternecido alvorôço de jubilo, o Instituto de Coimbra reabre hoje as suas salas á reunião da mocidade academica de Espanha e Portugal; e, em seu nome, me congratulo devéras pela repetida troca de visitas entre os juvenis representantes das duas nações irmãs, porque é assim, aproximando-se, conhecendo-se e estimando-se, que elles podem preparar-se eficazmente para bem se auxiliarem no desempenho das arduas responsabilidades que sobre uns e outros impendem para futuro. Como não hão de ficar para sempre mutuamente devotados, melhor do que pelos artificios da mais habil das diplomacias, aquelles que,

* Alocução pronunciada no sarau dado pela academia de Coimbra no Instituto, em 17 de fevereiro de 1902.

um dia, num intervallo destas recepções solenes, sentados á mesma banca de estudante em intimo desafôgo, palrando com legitima emulação das glorias das suas patrias, de repente, assaltados por egual pensamento das amarguras da hora presente, emudeceram, as lagrimas a saltarem-lhes dos olhos? O transporte de dôr com que então simpaticamente se abraçaram, firmou um pacto sagrado de aliança, que nada jámais é capaz de romper.

Ah! Estas suas carinhosas viagens são um nobre passatempo das suas ferias. Ellas não divertem só, instruem, educam; e não formam só os sentimentos humanitarios, acendram, vivificam e elevam o patriotismo. Quem é que, de volta ao seu lar, mais ainda do que pelos soberbos ou graciosos quadros do país natal, se não sentirá encantado e empolgantemente comovido pelo espectaculo que ao mesmo passo se lhe vaí desdobrando pelo caminho, do esforço, das canceiras e sacrificios com que os seus antepassados, acrescentando e melhorando a obra da natureza, em fervorosa lide de sol a sol, coroaram de pinheiraes o pincaro dos montes, socalcaram a oliveira e a vinha

na escarpa das encostas mais fragosas, aclimataram a laranjeira na dobra do mais esquivo valeiro, e, em porfiada luta com a torrente das aguas, converteram o areal da planicie no campo fertil do milharal e da horta? O que lhes não devemos, a esses heroicos trabalhadores, que, tanta vez mesmo, tiveram de interromper a sua rija faina para acudirem, nos mais arriscados lances, pela vida da sua progenie! A elles devemos sobretudo o melhor de nós mesmos, o nosso nome.

Cumprimentando os gentis alunos da Universidade de Valladolid, faço cordiaes votos por que a ilustre Espanha encontre nas suas novas gerações os valorosos filhos de que, como nós, precisa.

Com as novas gerações * volve sempre a florescer sobre a terra a primavera da alma.

* Escripto para o numero unico *Portugal e Espanha* dedicado pela academia de Coimbra á estudantina de Valladolid.

Felizmente que o mal, que nada edifica, tem contra si as proprias forças hereditarias da vida. Vejam como, neste mesmo momento, contrasta a jovial e afectuosa expansão com que por toda a parte os estudantes trocam entre si visitas, estendendo-se as mãos dum país para outro, com a rude e barbaresca expansão brutalmente prégada pelos dirigentes das nações mais poderosas contra as mais fracas. Salve-a Deus, generosa mocidade espanhola e portuguêsa! E que, sob este nosso constelado ceu, cresçam e vinguem outra vez as virtudes historicas que nos imortalizaram o nome!

Conferencias de pedagogia *

(Notas)

LIÇÃO INAUGURAL

Todos falam d'ensino, varios o professam, mas poucos sabem o que elle é. Nem admira, porque, entre nós, ensinam-se já muitas coisas, mas ainda mal se ensina a ensinar.

Que é o ensino? Vê-se no mais simples exemplo. Vamos d'excursão, e pedimos a uma creança que nos ensine o caminho. Nesse momento, a creança, para nos assistir, guia-nos, dirige-nos com a sua explicação e conselho. O ensino é uma direcção, um governo.

Não ha essencialmente diferença entre ensino e governo. Um e outro póde ser artistico, industrial ou scientifico; e, em

* Feitas livremente na Universidade de Coimbra, aos domingos, de 21 de janeiro a 11 de março de 1900.

qualquer dos casos, deve ser moral, convertendo-se em religioso, economico ou politico.

O professor exerce uma magistratura social; o ministro, o funcionario publico, uma autoridade docente. Um ensino sem elevação patriotica, juridica, falta á sua missão; assim como um governo que se impõe pela violencia e corrupção, e não pela confiança que inspira, pelos serviços que presta e pela propaganda da verdade dos seus principios, é indigno de tal nome.

Quer isto dizer que nenhuma diferença exista entre ensino e governo? A mesma que entre a escola e a sociedade. Ao ensino cumpre ser um governo modelo, como á escola uma sociedade exemplar. Cada dia, porém, se reconhece mais a necessidade de os assimilar e esta assimilação se vai operando de parte a parte.

Mas não será dispensavel o ensino? Não ha tantos homens que se formam só por si, pela experiencia da vida? Não! São muitas as fórmas de ensino, oral, escripto, real, pratico, e não é preciso ir á aula para o receber. Não se confunda aula com ensino.

O homem não entra de repente na plena posse das suas forças, e mal pode passar sem alguem que, durante a sua adolescencia, o dirija na iniciação da vida. As nossas faculdades estão em sucessiva diferenciação e desabrochamento, principalmente até á edade madura; estão-nos continuamente a nascer novas aptidões, como que novas faculdades, novos sentidos, novos olhos. Ha uma gestação espiritual, como ha a organica. D'ahi a missão protectora do educador.

Não se imagine comtudo que as faculdades faltavam de todo antes da sua floração. Não. Ellas existem de todo principio em germen, e é preciso cultivá-las desde logo. A fraqueza da vista não é cegueira. E' preciso não tratar nunca o discipulo como um cego. A creança não é um enfermo.

Passeando com um primo meu, rapazito ainda, encontrámos um cego de lunetas, e elle ficou muito espantado; ao que eu lhe observei para o ouvir: « Pois se as lunetas são para ver, quem precisará mais dellas do que um cego? » Mas o espanto do pequeno tinha sua razão de ser.

O ensino é como as lunetas, que se não fizeram para cegos.

E esta diferenciação espiritual aumenta com a civilização gradualmente. O que quer dizer que as novas gerações, por mais que originariamente cresçam em forças, vão cada vez mais necessitando da assistencia do ensino que as encaminhe. A obra do ensino vai, pois, sendo cada vez mais complexa, e por isso o proprio ensino tem de progredir incessantemente para a efectuar.

Tudo progride; até a natureza inorganica se torna cada vez menos cahotica, acompanhando assim o aperfeiçoamento das formas vegetaes e animaes, que seria incompativel com a desordem primitiva dos elementos. E, acima de tudo e mais que tudo, progride o espirito humano, a socialização humana, e, com ella, a assistencia, o ensino.

Sem ensino, e sem a sua difusão por todas as classes, a civilização redunda contraproducente, porque deixa de estar ao alcance do homem. O homem fica escravo della.

Veja-se o que sucedeu com a aplicação do vapor á industria. As machinas dis-

tanciaram profundamente o operario, seu serventuario, do engenheiro, seu dirigente; e, por falta de ensino oficinal, que suprisse essa distancia, trouxeram, a par com incontestaveis beneficios, muita injustiça e miseria, muita perturbação, que só pela escola industrial modernamente se tem podido combater.

A média da duração da vida aumenta, mas mais rapido que esse aumento é o progresso da civilização. Por isso, todos os instantes vão sendo cada vez mais preciosos para a adolescencia espiritual. Não se póde perder nenhum.

Estamos todos como o medico que, chamado a ver um doente na aldeia, pede áquella creancinha de que falámos, que lhe ensine o caminho mais curto por entre os campos. Havia-se de lhe dizer: aprenda-o por si? Entretanto peorava e morria o doente a que elle ia acudir. Para cada homem ha sempre verdadeiramente um doente, alguem que póde sofrer com a sua demora e ausencia, para cada homem ha sempre um bem urgente a fazer. Derramemos largamente o ensino para que ninguem deixe de o fazer.

A sciencia, a arte e a industria tornam-se, dia a dia, mais solidarias. Ninguem póde procurar e achar tudo por si. O ensino transmite o deposito geral da civilização, que o trabalho pessoal tem, por sua vez, d'engrandecer sempre.

A importancia do ensino é hoje reconhecida em toda a parte. Honram-no os principaes estadistas, dotam-no ricos e pobres. E do proprio seio das Universidades partiu uma generosa campanha para se levar o ensino ás classes mais infelizes, aos bairros operarios, aos campos e ás minas. Tanto se reconhece o seu caracter de divida e obrigação moral!

O nosso seculo é o seculo da socialização e do ensino.

Se todo ensino é necessario e importante, não póde deixar de o ser tambem o do proprio ensino.

As nações estrangeiras ha muito que lhe prestam os maximos cuidados.

Na Alemanha, já no seculo passado Kant na sua cadeira de filosofia professava a pedagogia, e, logo nos primeiros annos deste seculo, Herbart estreava-se, como *Privatdocent,* tratando da pedagogia. Desde o

seculo passado tambem que naquella nação se foram multiplicando os seminarios, que é como lá se chamam as escolas ou aulas normaes. E hoje ha nas suas Universidades cursos de pedagogia regidos por homens tão distintos como Henrique Schiller e Theobaldo Ziegler.

Em França, já os grandes revolucionarios se ocupam de pedagocia, sendo o professor Lakanal o relator do projecto de creação da primeira escola normal, a famosa Escola normal superior de Paris para o ensino secundario. A terceira republica, além de acrescentar a essa uma outra para o sexo feminino, a Escola normal superior para o ensino secundario da mulher, estabelecida em Sévres, organizou poderosamente a pedagogia para o ensino do povo, chamando os seus primeiros homens á regencia das aulas nas Escolas normaes superiores do ensino primario em Fontenay-aux-Roses e em Saint-Cloud, escolas que têem tido á sua frente homens eminentes, entre os quaes lembro com saudade Pécaut, o venerando educador. Lá preside ao movimento pedagogico o vice-reitor da Academia de Paris, o academico Gréard,

autor de magistraes memorias sobre o ensino, ultimamente auxiliado pela poderosa propaganda doutro academico, o professor Lavisse; lá se creou nos ultimos tempos a cadeira de pedagogia em Paris, na Sorbonne, que foi confiada a Marion e depois a Buisson, e têem-se instituido cursos pedagogicos nas Universidades de provincia sob a direcção de illustres professores como Compayré, Espinas e Thamin.

Na Inglaterra, a patria de Bain e de Spencer, e a antiga patria de Locke, que tanto influiu em Rousseau, que por sua vez tanto influiu em Kant, ha subsidiadas pelo estado muitas escolas pedagogicas, lá chamadas *traning colleges;* e já em 1891 James Sully propoz á Universidade de Londres a colação de graus pedagogicos.

Nos Estados-Unidos, além de todas as escolas normaes, ha nas Universidades cursos e até verdadeiras Faculdades de pedagogia, com bachareis e doutores. Numa, na de Stanford, ha mesmo annexo um laboratorio experimental com creanças de 2 a 12 annos, o qual tem com o ensino pedagógico, diz o snr. Barnes na *Educational Review* (citada pelo snr. Compayré) as

mesmas relações que o hospital com o ensino medico.

Junto a nós, aqui mesmo em Espanha, os principaes professores, á frente dos quaes o meu querido amigo D. Francisco Giner, em quem me inspiro tambem, procuram dirigir o ensino nacional.

Em Portugal, a pedagogia apenas se esboça nas escolas normaes primarias. A lei já exige provas pedagogicas dos candidatos ao magisterio secundario, mas ainda não ha onde elles se preparem para as dar. Em todo o ensino sente-se a deficiencia de habilitação profissional.

Tentemos preencher esta lacuna.

SEGUNDA LIÇÃO

Dissemos: Ensinar é uma função social, é obra de assistencia, de dedicação, de sacrificio O magisterio é um sacerdocio; o professor, o sacerdote.

Certamente o professor precisa de ser instruido, precisa de ter capacidade para prestar o seu serviço.

A inexperiencia e o desastramento comunicam-se, e tornam mesmo a intervenção do mestre contraproducente para o discipulo. Todos que tentaram a bicycleta, sabem como, já depois de começarem a equilibrar-se, se sentiam vacilantes cada vez que saissem de excursão com algum companheiro ainda pouco firme. Ao contrario, joga-se melhor com bons jogadores. Recordo-me de que, em rapaz, ia varias vezes saltar para a antiga quinta, hoje bairro de Santa Cruz, com Gonçalves Crespo, e nem elle nem eu eramos prodigiosos; mas, quando sucedia ir comnosco outro amigo, moço de tanto talento e coração! tambem já fálecido, o Gonçalo Lindoso, que tinha grandes pernas e dava grandes saltos, lá se atirava após delle o Crespo, e logo eu, acompanhando-os. Não têem observado como os bons oradores elevam sempre o nivel geral da oratoria nos parlamentos?

Não se exagere o principio de que se aprende, ensinando. Essa é, por nosso mal, a tendencia indigena. Todos se julgam, entre nós, aptos para tudo, e estamos continuamente a ver nomeações de professo-

res, que nos espantam. Surprehende-nos que se façam, e não menos que se solicitem ou aceitem. Para ensinar é requisito indispensavel a competencia technica; o professor de chimica, por exemplo, precisa, evidentemente, de ser um chimico.

Mas o ensino, senão de profissão, pelo menos acidental, ocasional, é acessivel a todos. Temos sempre que aprender uns com os outros, e, mais ou menos vezes, conforme a nossa cultura, tambem podemos da nossa parte retribuir essas lições. Alguns dos grandes mestres não se distinguiram tanto em qualquer arte, industria ou sciencia, como nesta incarnação moral de todas ellas que se chama pedagogia. Exemplo notavel: Pestalozzi.

E' que para o ensino requer-se mais do que instrução. O professor precisa, sem duvida, de ser instruido, mas sobretudo de ser bom, de ser um homem de bem.

Não basta ser fisico ou geologo para ensinar. O bello, o util, a verdade, atrahem a si as almas, mas o que as prende e enlaça soberanamente é a sociabilidade, é a bondade. Porque é que os rapazes se procuram tanto e tanto gostam de andar juntos? E' o

enlevo da camaradagem. Por isso o professor, para conduzir os discipulos, ha de tambem fazer-se seu camarada, abrir-se expansivamente com elles, amoldar-se-lhes. E não o póde fazer senão afeiçoando-se-lhes, repartindo cordialmente com elles o seu tempo e os seus cuidados, dedicando-se-lhes, sacrificando-se-lhes mesmo. O primeiro condão do professor é a virtude.

E é preciso que elle seja sempre um claro exemplo de dignidade e de abnegação. Não só na aula; dentro e fora della. Na vida de familia e como cidadão.

O ensino é, por sua natureza, acima de tudo, politico, e não se póde ser conjuntamente mau cidadão e bom professor. Como ha de o discipulo esquecer o que o mestre é fóra da aula, para o estimar dentro della? Como ha de querer viver ao seu lado, se não puder honrar-se do seu trato? A aula é sociedade, colaboração, intimidade, e a intimidade dos maus repugna sempre a todos, muito principalmente ás almas candidas da mocidade.

O professor, e, mais que nenhum, o de ensino superior, deve ser radicalmente intransigente com o mal, com a corrução;

e, nem mesmo no interesse technico do seu ensino, se deve deixar tentar. Se é, só pela complacencia, ou, mais exactamente, pela sua cumplicidade com um poder imoral, que acha meio de alcançar exemplares, aparelhos e instrumentos para a sua aula, antes não os ter. Melhoraria materialmente a aula, mas peorava o professor, que é o principal.

Por tudo isto, para o exercicio do magisterio é imprescindivel a experiencia moral, o aprendizado do bem. A virtude não se improviza. Ninguem se habilita em regra para o ensino, que não comece por o servir modestamente, praticando como simples ajudante com mestres já abalizados. E, para ascender a professor de ensino superior, ninguem devia deixar de percorrer a escala desde o ensino primario. Por falta deste tirocinio social é que lastimosamente ás vezes se encontram, e até no fastigio do magisterio, individuos, aliás talentosos e instruidos, mas socialmente ineptos, infantis.

Sem assistencia e sacrificio, não ha ensino. E o mestre que não se ocupe zelosamente do discipulo, se não é um egoista, só se acredita na omnipotencia das forças

que actuam sobre cada individuo ou nos milagres do individualismo na luta pela existencia.

Ha, efectivamente, partidarios duma e doutra teoria; mas em ambas ellas, com a assistencia, desaparece o ensino.

Uns dizem: Por amor dos outros, ninguem se desvie do seu caminho, do caminho do seu interesse. Para que? O homem é o produto fatal da herança e do meio. *Tal pae, tal filho. Chega-te aos bons, serás um delles; chega-te aos maus, serás peor do que elles. Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens.* E estes apoftegmas populares, varios sabios pretendem corroborá-los com as suas observações. Citarei as duas seguintes *. Na Australia, indigenas — que tinham sido arrancados ao cólo das mães — já depois de instruidos nas matematicas e literaturas antigas, aos vinte annos, fugiram para ir viver nús, comendo lagartos, com os seus irmãos de raça, para ir vagabundear, bandoleirar. Um pretinho das Philipinas, educado por um americano,

* Henri Taine.

tendo vivido em New-York, Paris e Londres, fez-se um janota, falava as linguas, calçava luvas e botas de verniz; pois, de volta a Manilha, desapareceu, e um naturalista alemão foi encontrá-lo, annos depois, na montanha entre os negros.

Nesta teoria, o caracter de cada um tinge-se indelevelmente com as côres do sangue dos seus progenitores e do ceu da sua patria. Dos que a defendem, uns atribuem tudo á herança, outros dão imensa importancia ao meio, e ha ainda os que mais judiciosamente combinam os dois factores na força inelutavel da evolução.

O homem evolve fatalmente. Não pretenda ninguem intervir no seu desenvolvimento, que o não altera, e, quando muito, só vingará perturbá-lo temerariamente. Seria inutil, senão até indiscreto e nocivo. E nem temos motivo para o deplorar, porque sobre os seus mesmos escombros a evolução ergue cada vez mais grandioso o edificio do progresso. O universo melhora por si.

Está claro que este determinismo esquece que, além da herança e do meio, ha o proprio homem, que é tambem uma força, e

esquece o professor, que é ao mesmo tempo um coeficiente poderoso do passado e do presente, um elemento consideravel não só do meio, porque a herança é mais do que simplesmente uma herança organica. O professor é a força externa organizadora de todas essas influencias que pesam sobre a liberdade humana, é elle quem a dirige na sua faina de consolidar as bôas, extirpando conjunctamente as que lhe sejam perniciosas.

O ensino tem por primeira missão transmitir em toda a sua pureza o patrimonio de civilização dos antepassados. E não póde decliná-la.

Quantas vezes eu tenho visto oscilar a consciencia dum pobre rapaz, filho de gente corruta, sem saber se ha de contribuir para que a virtude ilumine mais a terra, não vá tambem pôr mais em evidencia os vicios dos paes! Como póde então ser benefica a voz autorizada do professor, que, estendendo-lhe afectuosamente a mão, o sustente e ampare na sua ascenção moral, assinalando-lhe como supremo ponto de honra o enobrecimento do seu nome de familia até á obliteração de toda a mancha originaria!

Ai! Quanto entre nós o ensino necessita de ser não só esta força hereditaria que expurgue as novas gerações da corrução dos seus progenitores, mas a herculea força atavica que nos permita rehabilitarmo-nos perante a historia, restituindo-nos o genio e a virtude dos antigos portuguêses, infelizmente tão quebrantado, infelizmente tão poluída!

E não basta assegurar ás novas gerações a civilização herdada, é mister tambem fomentar o seu progresso futuro. Ao mestre cumpre velar por que as variações impressas pelo meio sejam sempre vantajosas e nunca regressivas ou funestas. Que trabalho não tem para rasgar um amplo horizonte ao espirito e ao coração do discipulo, para que elle não seja escravo das pequenezas e mesquinharias do seu rincão; e, sobretudo, quanto não precisa de robustecer-lhe o caracter para que elle não seja victima das emanações deleterias da podridão moral! Como, sem o ensino, se sanearão ahi nas cumiadas sociaes esses infectos pantanos que por toda a parte viciam mortiferamente a atmosfera da vida nacional?

A conclusão a tirar da magnitude das influencias da herança e do meio, do poderio da evolução, é, reconhecendo-as, que o ensino se torna por isso mesmo mais necessario e instante, porque tem de travar a luta com varias dellas; é, reconhecendo as dificuldades da luta, que, sem embargo, a victoria do ensino, do mestre, é certa, pois que dessas influencias as mais fortes, as eternas, que são as bôas, estão do seu lado, e as que elle tem de combater, são as que pela sua propria natureza hostil, aberrante, anormal, estão destinadas a extinguir-se.

O mundo vai pertencendo cada vez mais ao bem. Mas não imaginemos nunca os nossos discipulos, os nossos filhos, educados, só porque calçam luvas e botas de verniz.

TERCEIRA LIÇÃO

O ensino é uma assistencia, uma socialização; e por isso tambem o não querem todos os adversarios do socialismo, todos os individualistas.

Assim como os deterministas são os fanaticos da herança e do meio, da evolução, os individualistas são os fanaticos da personalidade humana, da educação pessoal, do auto-didatismo, da *self-instruction*.

Tempere-se cada um por si só nas refregas, nas fráguas da vida. A grande escola é essa, a da experiencia da vida. Para que tentaremos defender os outros das más instigações internas e externas? Defendam-se elles a si. Assim se aguerrirão. Quantos tombarem mortos no campo da batalha, serão victimas heroicas imoladas ao progresso geral da humanidade. Barato ou caro, tal é o preço da perfectibilidadde, da emancipação.

Para os fatalistas o esforço de cada homem é infinitesimo no turbilhão do universo; para os individualistas esse esforço, só de per si, é capaz de alevantar cada homem ao nivel, á flôr da civilização. Uns e outros abandonam-no na luta pela existencia. Assistir-lhe afigura-se-lhes quasi uma profanação, tanto divinizam as forças do destino ou da vontade.

Proclamando esta doutrina, em Portugal, cita-se logo Alexandre Herculano e mais

modernamente Oliveira Martins, que pouco ou nada deveram ás aulas. Podiam citar-se ainda outros exemplos, e, entre elles, o da sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Mas, sem falar das influencias pessoaes, que de perto contribuiram para a formação destas poderosas individualidades, quem não sabe do amor, da paixão absorvente de todas ellas pelos livros, isto é, da sua intimidade com os grandes mestres do espirito humano?

Os Robinsons não se comprehendem sem uma solida armadura, que a ninguem é licito alcançar sem o ensino.

Alguns individualistas temem tanto o ensino, que desejariam segregar o homem de toda a convivencia social. Ensino, ou governo, é sempre atrofiante e corrosivo, enfraquece e despedaça as molas da alma humana; e na sociedade o homem corre sempre o risco de ser dirigido, o que vale o mesmo que dizer violentado. A grande e salutar educação é unicamente a das reacções naturaes.

Para estes o homem nasce bom e é bôa a natureza, só é má a sociedade.

Que acumulação de absurdos!

Se todos os homens nascessem bons, como é que o trato de qualquer delles com os outros, egualmente bons, o depravaria? Donde lhe viria o mal, se a natureza que o cerca, fôsse inalteravelmente, eternamente bôa?

E condena-se a intervenção do ensino para se concluir por uma forma barbara de intervenção, o isolamento social. É, em vez da assistencia, do amor, a tortura celular. Lastimosamente, temos já, de facto, esse regimen entre nós, embora só como regimen penal; é a penitenciaria, aplicada aos que, decahidos pelos seus crimes, mais do que ninguem necessitariam de todo o magnetismo da fraternidade, da bondade, para de novo se levantarem á dignidade humana.

O homem é sobretudo o homem social. Já Aristoteles o definia *o animal politico.* Como haviam de desenvolver-se sciencias, artes e industrias na quasi cega inconsciencia em que cada alma dormitasse, longe das almas suas irmãs, pois que é só no seio umas das outras, revendo-se enamoradamente entre si, que lhes é dado tomar claro acôrdo e plena posse das suas faculdades?

Podem elaborar-se assim os lentos instintos. Mas quando uma civilização, e uma civilização tão vertiginosa como a nossa?

Que seria do homem sem a palavra, este luminoso instrumento não só de comunicação espiritual, mas tambem de exame interior? E quem se não lembra dos extremos de paciencia que custou a nossas mães a nossa primeira educação oral?

Bem sei que as creanças são maravilhosas nessa gymnastica, e como é extraordinaria a presteza com que a descoberta duma palavra lhes concentra novos fócos de luz na sua mentesinha. Ainda hontem o pude admirar na minha Jeronyma, que os irmãositos chamam Gigi. Chegando eu a casa, veiu perguntar-me pelas barretinas que me tinha pedido para elles, e eu ia responder-lhe, quando vi uma lagrima ainda pendente dos seus olhos. « A Gigi chorou? » « *Xerei,* porque o Domingos não me quiz dar a pistola. » « Ora! as pistolas não são para meninas, são para rapazes; para meninas são as bonecas. E o Dino e o Domingos é que são rapazes; a Gigi, a Rita, a Maria e a Joaquina não, são meninas. » Ouviu-se então o trupido do

Domingos á porta do meu quarto. E logo a Gigi, anunciando-mo: « Papá, ahi vem um rapaz! »

Mas, se na aquisição da linguagem, como de tudo, é admiravel a prontidão das creanças, mais admiravel ainda é o carinho com que as santas das mães velam sorridentes pelo desabrochamento das suas faculdades. Ellas é que em grande parte fazem o milagre.

E como se ha de formar o homem moral, só em presença da natureza?

Ha, sem duvida, uma moral natural, uma disciplina das leis naturaes, da necessidade.

Quem não passou necessidades, não formou o seu caracter. A necessidade é a primeira educadora da vontade. É, como se diz, a mãe de todas as industrias. Sem ella ninguem faria nada. Os que imaginam que, desapressados das suas obrigações quotidianas, produziriam grandes obras, iludem-se. Quem tem muito tempo deante de si, fica-se quasi sempre em projectos.

Aqui mesmo, a nossa Universidade resente-se da falta de necessidades intelectuaes. Um professor, depois de reger a sua cadeira, dois, tres annos, já com pouco

se prepara para esta mediocre tarefa a que está condenado pela lei todo o nosso magisterio superior, de apenas exibir, quando não é só noticiar, as investigações alheias. Os discipulos não exigem mais. E, como o professor não vive de perto com elles, nem sequer póde salvar-se, excitando a sua diligencia para o estudo pedagogico dos melhores métodos de ensino. Por isso, nesta vida umbratil do nosso pobre ensino superior, tantos talentos, de tão sanguineas esperanças, se estiolam.

Em geral, quem tem muito que fazer, acha sempre tempo para tudo. Ninguem incumba qualquer negocio a um ocioso, que não lhe tratará delle. Uma vez, que Sousa Martins, que levava uma vida cheia de canceiras até á completa abnegação de si, dos seus interesses e da sua saude, se desculpava comigo, alegando as suas constantes ocupações, de se não ter, talvez, desempenhado perfeitamente duma incumbencia minha, eu escrevi-lhe: « Ao contrario, por isso mesmo é que ninguem faria tão bem. »

A pressão da necessidade parece despertar imprevistas energias. Os tipografos por

exemplo, declaram-me impossivel a publicação das minhas Notas, se lhes não envio o original até tal dia; mas outros trabalhos me retêem, só á ultima hora as concluo, é já tarde, disseram, falta efectivamente quasi de todo o tempo... e ellas compõem-se e imprimem-se, e eu posso ter o gosto de as distribuir no dia aprazado. E' a necessidade, porque o tempo não pára, que assim me põe de manifesto a bôa vontade destes excelentes colaboradores.

De certo, é preciso passar pela escola da necessidade. Ella tonifica a vontade, ella desenvolve pelas suas resistencias o calor que tambem é necessario á vida activa do espirito. E' por isso que as creanças pobres têem quasi sempre mais esperteza e decisão do que as creanças ricas. E não serei eu que maldiga deste aprendizado, eu, descendente de portuguêses que, na disciplina e nas tormentas do mar, recaldearam o seu animo para as imorredoiras façanhas com que engrandeceram o mundo e o seu nome.

Mas não se fique por ahi! Como os nossos antepassados, procuremos uma inspiração superior, um ideal. As necessidades

individuaes, egoistas, impõem-se primeiro; mas, além da disciplina das leis naturaes, ha outra mais alta, a das leis moraes, a das obrigações altruistas. Esta é que é verdadeiramente a disciplina moral.

Não se perpetue ninguem no regimen das necessidades; e sobretudo não se exagerem, não se encrueçam! Que são os selvagens, que são muitos degenerados senão almas penadas, almas amarradas ao poste do obscurantismo pelas necessidades, pelas fatalidades organicas? Tentemos tudo por desatá-los quanto possivel dessas prisões. E envidemos sempre os melhores esforços para ninguem bem-nascido cair na miseria fisica ou na miseria intelectual, que fatalmente se converterá em miseria moral. Não se faça nunca á creança como me contou o meu querido amigo Alfredo Barjona que lhe fizeram ao avô materno. Para o ensinarem a nadar, atiraram com elle a uma valla do Mondego. Nunca se faça uma coisa destas, nem mesmo ficando alguem ao pé da creança, pronto para logo lhe acudir.

Os fanaticos da personalidade humana ainda fazem peor: lançam o individuo nas lutas da existencia, lutas naturaes e sociaes,

e deixam-no! Esse abandono é mais que desastroso, é um perigo para a moralidade.

« Não tirem á creança as pedras do caminho. Deixá-la tropeçar e cair : ella se levantará. Caindo, é que aprende a andar. Se lhe acodem, até chora mais. » Pudéra! A sós com a natureza, nem ella tem com quem desafogar a sua dôr.

Não! as reacções naturaes não só não bastam para formar o homem, mas não encerram em si balsamo e conforto para todas as feridas que rasgam.

O desastre ensina? Efectivamente quasi parece necessario sofrê-lo para lhe perder o medo. Mas já basta o desastre inseparavel de todo aprendizado e estudo, de todo ensaio; não o agravemos. A função do mestre não é suprimil-o, que seria chimerico, mas atenuá-lo, mas torná-lo o mais suportavel e o menos danoso possivel.

A minha Gigi pega com ambas as mãos numa das cadeiras do meu quarto, levanta-a ao ar pelas pernas, e vem andando com ella triunfantemente para mim, que estou todo admirado. Mas, de repente, a um passo mais vivo, a cadeira oscila, o seu desequilibrio

comunica-se-lhe aos bracinhos, e ella ataranta-se e chora com o susto de cair com a cadeira ao chão. Não lhe havia de acudir? Havia de deixá-la cair e ferir-se? Nem se pergunta. Só se não fôsse pae? Pois todos devem ter um coração paternal para com os pequenitos.

Abandoná-los é deixá-los enleados na sua desordem ingenita, desordem exterior e interior, a que elles mal podem de per si arrancar-se. E o resultado é não só o desastre fisico e o estrago em casa, na oficina ou laboratorio, mas tambem a confusão intelectual, o erro, a superstição.

A mesma Gigi, que trago sempre na memoria, servirá de exemplo. Tinha-me espalhado varios papeis pelo chão, e eu intimei-a a apanhá-los. Mas eram muitos, ella cançou-se, e pediu-me comutação da pena. « Só mais tres! » Concordei. Um dos tres, porém, estava tão colado ao chão, que, por mais que ella fizesse, não podia tirá-lo. Então exclamou para mim, desistindo: « Este não quer vir. »

O desastre esmorece. « Não sou para isto! » é a conclusão que tantas vezes se tira.

Até nos jogos athleticos, que tamanho prazer causam aos rapazes, os que são infelizes ás primeiras tentativas, nem é preciso que trambolhem e se machuquem para descoroçoarem.

Ás vezes a só lembrança do risco por que se passou, da atrapalhação em que se esteve, ou simplesmente do enfado da propria impericia, desalenta, paralisa.

São as proprias creanças que nos veem suplicar auxilio. A Gigi pede-me força: « Papá, eu sou pequenita, não posso, não posso: ajude-me. » O Domingos pede-me um regulamento: « Papá, que vou fazer agora? » E, para pôr a pé, de manhã, os meus filhos mais velhos, preciso dar a mão á sua vontade ainda dormente tambem, para elles poderem levantar-se de todo o peso do seu sono de rapazes. Não basta acordá-los: « A pé, meninos! » Se vou com um livro na mão e fico distrahido a ler, elles voltam-se para o outro lado e continuam a dormir. Tanto o ensino, no minimo acto, ha de revestir o seu caracter de devotada assistencia!

Ainda os adultos, é mister vigiá-los, guiá-los sem negligencia. Nenhum chefe de casa

ou repartição imagine que os creados ou os empregados são machinismos de relojoaria, que baste ditar-lhes a sua tarefa para elles trabalharem por si. Descurá-los é quasi sempre desmazelar e comprometer os serviços, é dentro em pouco a casa ou a repartição num cahos.

A desordem dos mais, creanças ou adultos, importa para nós um sacrificio. Se não nos sujeitarmos ao do ensino, sofreremos outros peores.

A luta do homem com a natureza é uma necessidade; mas, para elle se sair victorioso, não é menos necessario dirigi-lo, como se dirige um soldado noviço na arte da guerra.

O abandono do individuo ás reacções naturaes é mesmo um perigo para a sua moralidade.

Como ha de elle, de per si só, conter as suas paixões grosseiras? Por idéas e sentimentos que ainda não possue? Sentimentos e idéas não surgem, logo que são precisos; como não surge o vestuario, que a creança não está habilitada para fazer, desde que ella precisa de se resguardar dos excessos do calor e do frio.

E que mestre a natureza!

Castiga só responsaveis? Assim se pensa muitas vezes. *Ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo.* Engano! O seu castigo fere quasi sempre a ignorancia, que o não merece. Ás leis naturaes não é justo aplicar o principio de que a ignorancia da lei não aproveita a ninguem. Quando a Gigi ia caindo com a cadeira no chão, se se maguasse, era por culpa sua? Não, que ainda não podia entender mais, e até fez, para a sua edade, um esforço digno de melhor sorte.

A natureza é cega, impessoal, impassivel — argumenta-se —. Mas disso nos devemos queixar. Para me prestar um serviço urgente que eu lhe acabava de pedir, um amigo meu corre, precipita-se pelas minhas escadas abaixo, e escorrega, cai e aleija-se; quando, se a pedra tivesse alma, sustinha-o na carreira e amparava-o na quéda.

A natureza castiga egualmente? Proporciona a pena ao delito? Atende ás circumstancias? Quem o dirá? Uma pobre mulher ia segar fêno para as suas vacas numa insua do Mondego, chega-se para uma mota que a agua solapara, falta-

lhe o chão, e ella resvala no rio e afoga-se. Onde estava aqui o crime para a pena ultima? Onde sequer o delito? Este verão, durante as ferias, em Molêdo do Minho, fui chamar medico para uma rapariga que, estando com uma pequerrucha ao collo, sente-a de repente soltar-se-lhe por um brusco movimento, vai a aparál-a no ar, estrebuxa, cai de chofre sobre o braço com todo o peso do seu robusto corpo, e quebra-o. Se tinha havido descuido seu, estava de certo resgatado pela provação do aflictivo transe. Mas nada lhe valeu. Caiu, só por amor da creança, ella, de si tão agil como uma corçá? Caiu: estropiou-se. Ai! Quanto sofrem os que a todo o instante lidam de perto com as agruras da natureza!

O desastre não só esmorece a vontade, esmorece e escrayiza. E' a submissão do espirito á fatalidade. E, sem liberdade, não ha moralidade. A moral das reacções naturaes é a sagração do fatalismo, da força e do acaso. Não desaparece o governo, mas o homem decae para sob o governo da força bruta e da superstição.

As creanças, sem alguem que lhes vá alumiando os caminhos da vida e dirigindo

o espirito, crêem em bruxas e papões, batem nas mezas e nas portas e fazem-se acrimoniosas e violentas. E veja-se o que sucede aos selvagens. No desamparo em que labutam, mal podem ir mitigando as suas penosas condições. Se algum, por mais zeloso ou afortunado, salvou o seu campo dum furacão, duma tempestade, que devastasse a cultura dos outros, é por elles acoimado de feiticeiro, e torna-se victima da atroz crendice geral.

Aqui está como, no regimen da educação pelas reacções naturaes, o homem, não achando por si só a lei natural, é levado contraditoriamente ao acatamento e religião do sobrenatural, que tanto ás vezes parece um apêlo da sua desvalidez e angustia para a piedade das coisas.

E nem ha contradição, esse é o corolario logico da divinização da natureza.

A teoria do endurecimento das faculdades no aspero conflito com a natureza, a admitir-se, provava demais, e refuta-se até pela sua redução a absurdo. Se não se deve prestar ao homem em meio dos rigores materiaes da vida a assistencia do professor, não se lhe preste nenhuma outra.

Elle que procure, faça e alcance tudo por si. Mas nem roupa, nem alimentos? Nada! Não lhe aplanemos as estradas, que lhe atrofiamos os musculos e entorpecemos a vontade. Seria a condenação de toda a civilização. Seria uma barbaridade e a imolação da creança.

Não, nem tanto! acudirão.

Conheci um homem em Vizeu que, increpado de gastar quanto tinha, sem olhar pela educação dos filhos, redarguiu: « Não faço nada por elles? Dou-lhes estradas, caminhos de ferro, telegrafos, dou-lhes tudo que no meu tempo não havia e para que tenho contribuido do meu bolso. » Dava-lhes tudo, menos a si.

Pois esse é o primeiro dom na educação.

QUARTA LIÇÃO

Não basta a luta natural pela existencia para formar o homem civilizado. As suas consequencias podem mesmo ser ruinosas á felicidade e á moral. Todos precisam de que os inicie em meio das reações natu-

raes, tão aleatorias! a acção esclarecida e amoravel do ensino. Ponha, pois, cada qual ao serviço dos outros a sua instrução e autoridade, não só para que elles tropecem e caiam o menos possivel e se não molestem, mas ainda para que do choque com as forças fisicas não saia tambem mal ferida a sua emotividade e a sua razão, e, com ellas, a sua dignidade.

Não! — contravem o individualismo, sem se dar por vencido — não é isso! Não basta á educação a luta natural, porque é necessaria ao mesmo tempo a luta social. O regimen da necessidade de certo que é insuficiente, porque se faz mister tambem o da liberdade, a livre disciplina das energias individuaes no seu vivo e fecundo recontro. Na luta social a alma humana acabará por si mesma de se temperar virilmente. Nada de intervirem na educação! *Laissez faire, laissez passer.*

Até onde póde chegar o culto fanatico da personalidade! É, em todo o desabrimento da sua intratavel rispidez, pretender, como de nós dizia Voltaire, curar os danos do terremoto com os suplicios do auto de fé.

Imaginarão tão descaroados individualistas que vivemos num mundo celestial todo perfeições?

Leibniz, ao sustentar que este mundo era o melhor dos mundos possivel, não negava a existencia do mal; e, desde a sua mocidade, que, para o debelar, elle apelou para o ensino, cuja eficacia poz em relevo, parodiando Archimedes na celebre asserção: *Dai-me o ensino e eu vos mudarei a face da Europa.*

O optimismo, infelizmente, não resiste á critica. Já não ha Candidos e Pangloss que acreditem e professem tal doutrina. Se até o pobre doutor Pangloss, que achava que os narizes tinham sidos feitos para usar lunetas e por isso havia lunetas, os porcos para ser comidos e por isso se comiam, e que procurava consolar-nos do grande terremoto de 1775, explicando-nos que, se elle rebentara em Lisboa, fôra porque tinha de rebentar em alguma parte e não pudera ser noutra, coitado! pagou com a vida o seu optimismo, morrendo enforcado pela Inquisição por se ter atrevido a querer conciliar a liberdade com o pecado original!

Não é licito atender só ás harmonias em que os conflitos sociaes se vão cada vez mais resolvendo, para, como Bastiat, nos eximirmos a promover e facilitar a sua resolução. Assistencia não significa perturbação, pelo contrario.

Olhem as moleculas liquidas como tomam por si mesmas o seu nivel geral, sem que seja preciso ninguem intervir, ponderava Bastiat. Ai! nós, povo de navegantes, sabemos de cór pelas tragedias maritimas da nossa historia como ellas o tomam.

A luta social não é um jogo festivo de livres iniciativas. Atravez das harmonias da civilização, que é doce escutar como Platão escutava a musica das esferas, quem é que não ouve distintamente os soluços e as imprecações das victimas das contenções humanas? A liberdade é a condição de todo o bem, e só ella o realiza, mas a que custo! Por isso ella aperfeiçoa e acelera incessantemente o seu aprendizado por meio do ensino.

A humanidade avança, mas a victoria do progresso vai deixando a arena embebida de sangue e os corações tarjados de luto. Não é preciso o talento dum Prou-

dhon para opôr á teoria das harmonias a analise das flagrantes contradições e miserias sociaes.

A sociedade não é um inferno de vicios, mas tão pouco é um paraiso de virtudes. O optimismo não se justifica mais do que o pessimismo.

Reconhecendo a lastimosa realidade da luta social, afirmamos com isso a sua necessidade, a sua fatalidade? A luta pela vida rege tambem a nossa especie? Será verdadeiro o aforismo de Hobbes, adoptado por Malthus: *Homo homini lupus?* O homem terá necessidade de lutar com o homem, como tem a de comer e d'exercitar os seus musculos? Terá de educar-se na luta para a luta? *À la guerre comme à la guerre?*

O que é necessario ou obrigatorio, é a lei, fisica ou moral, e não a desordem. A luta social é comparavel á fome, ao calafrio. Como estas perturbações, que revelam a necessidade das leis organicas a que todos temos de obedecer para conservar a vida, ella denuncia uma infracção á lei moral. E, assim como a facilidade dos meios de existencia, regulados pela higiene,

até da negra fome faz um grato apetite, assim tambem o progresso da humanidade vai fazendo com que a ferina luta social se transforme numa fraterna emulação, ou, quando muito, numa passageira desintelligencia, inofensiva como o amúo que se dá entre pessôas que se querem, depois do qual até parece que as relações afectuosas ainda mais se estreitam.

A sociedade vem do estado de guerra para o de paz. O drama da historia abre, como as tragedias gregas, por um côro, côro lugubre de estertôres e maldições, que só muito lentamente vai enfraquecendo; mas, pouco a pouco, começa a ouvir-se suavemente a carinhosa e animadora voz do amor pela bôca dos principaes actores, Socrates, Christo, os santos e os moralistas, e esta voz nunca mais se some, nem mesmo quando o pano desce sobre cada um desses personagens, antes vai crescendo sempre e reboando cada vez mais profundamente por todas as quebradas da aspera carreira da vida humana.

O homem até a natureza pacifica. As aguas correm de rôjo pela montanha, descalçam e arrazam os vinhedos da encosta,

e, arremessando-se impetuosamente sobre a veiga, inundam as habitações e destroçam os milharaes? Intervem o homem: planta a montanha de arvoredo, e, coando a chuva atravez da sua folhagem, pacifica a devastadora torrente, convertendo-a num orvalho fertilizante.

Necessaria a luta social! Falo a um publico, em grande parte composto de gente moça, que demonstra exuberantemente que não, tão efusiva é a cordialidade que briosamente se agita no seu seio! É verdade que a juventude esboça fisica e moralmente um estado futuro que o adulto actual ainda não atinge...

O homem tem de educar-se para a sociabilidade, para a cooperação, para a virtude, não para a luta.

Mas, se a luta social não é uma necessidade essencial, permanente, da natureza humana, não será comtudo uma necessidade transitoria, uma condição impreterivel de aperfeiçoamento? Para nos formarmos, não teremos de passar pela sua escóla? Numa palavra, não será educativa? E, portanto, subtrair-lhe alguem pelo regimen do ensino não será um mal?

Constituirá a luta social o preparatorio indispensavel para alcançarmos a virtude?

A este respeito, pronunciam-se afirmativamente tres opiniões, duas dos que julgam egualmente necessario deixar o homem fazer o mal, e uma dos que julgam necessario deixá-lo, senão fazer o mal, ao menos transigir com elle.

Ha quem pense que o homem, para ser bom, necessita de cançar o seu instinto de combatividade, de saciar a sua animalidade, ou, pelo menos, de lhe dar uma satisfação.

Il faut que jeunesse se passe, dizem os francêses. E nós: *É preciso ser rapaz.* Comer e beber de mais, fumar, mentir, seduzir... são *rapaziadas.* Quem não pagou ao vicio o seu tributo, o seu contingente, na mocidade, vem a pagá-lo fóra de tempo, e ainda é peor. Corre até, entre nós, a anedota dum pae que recusou a mão de sua filha a um rapaz por elle ser demasiado virginal.

Felizmente que a torpe doutrina não se aplica á mulher!

Os que a seguem, procedem como os donos das confeitarias, que deixam os pequenos, á entrada para o seu serviço, comer

tanto doce, que o fiquem enjoando para sempre. Esperam que o vicio caia de maduro, e se desfaça de pôdre.

Mas será pela saciedade que o homem perca o gôsto ao vicio? Não. O efeito da saciedade não é a temperança, é o tédio, a irritabilidade, a doença fisica e moral; será o cansaço do vicio, mas é com certeza a extinção da alma e da vida.

Deixem, ao menos, que o homem prove do fruto prohibido, que é para tirar dahi a idéa e o desejo! clamam obstinadamente.

São as mesmas pessôas que oferecem charutos e bebidas espirituosas aos filhos e os conduzem aos lupanares, no desvairado intuito de que elles assim matem o bicho, como se exprime o nosso povo. Mas o bicho, neste caso, não é a fome e o frio do pobre, é a sensualidade degradante dos ricos.

O vicio provoca irresistivelmente a nossa curiosidade? E é satisfazê-la, porque elle deixa sempre afinal nos labios de quem o prova, um travo doloroso que em breve o vem a apartar delle?

As curiosidades morbidas não são curiosidades, instigações intelectuaes, mas ape-

tites, a que a sã razão não deve ceder. Nessa gimnastica lhe cumpre logo enrijar-se e aguerrir-se contra o mal. Ademais o vicio está tão perto da virtude, que, aos nossos minimos desmandos, temos de sobejo infelizmente ocasiões de o irmos conhecendo e imaginando por nós mesmos, sem precisarmos de o cometer propositalmente e de nos afundar nelle para não virmos alguma vez a cair nelle por ignorancia.

E, para o conter, não se conte com a reacção das suas funestas consequencias pessoaes. A advertencia da dôr chega-nos muita vez tarde de mais; e nem sempre mesmo é escutada, porque fala já mais forte a voz do mau habito contraído.

O vicio não se corrige por si mesmo. É preciso preveni-lo, reprimi-lo, sobretudo preveni-lo. Os grandes meios são os moraes. Ninguem come e bebe de mais, se se recorda simpaticamente dos que têem fome e sêde. Mas, para livrar das tentações do vicio, que é sempre um excesso ou um abuso do prazer, basta mesmo em geral proporcionar a cada um a posse dos gosos legitimos. Todo o prazer é um fruto da vida que tem a sua estação propria, o seu

momento, em que é licito colhê-lo e saborear-lhe o gôsto. Espere-se por esses momentos. Antecipá-los, multiplicá-los só póde fazer-se á custa da propria seiva.

Ha tambem quem entenda necessario entregar o homem á luta social para que o seu vicio encontre os vicios dos mais e se modere.

Deixem os rapazes *quebrar a cabeça*. Deixá-los fazer a experiencia do mal. Ao tempo, é que o fructo se sazona: deixá-los curar-se das suas verduras. São depois os melhores.

Inspiram-se no mesmo principio os que dizem que todos precisam de ter sido republicanos em rapazes para darem depois bons monarchicos. A verdura, aqui, é o republicanismo.

Para estes a luta social é uma especie de purgatorio, de cadinho ardente, por cujo fogo tẽem de passar as paixões para que a virtude se acendre. O vicio, fazendo erupção, até limpa.

Contam com as violencias da sociedade para a educação pessoal. O homem ha de refrear os seus arrebatamentos, porque lhe pagam o mal com o mal. Do choque dos

vicios é que resalta para as almas a centelha da virtude.

Nesta teoria não se faz o mal, unicamente porque os outros o não deixam fazer. E, quando deixarem? Quando quem se desmande, fôr o mais forte, o mais intelligente? É a exploração de todos os fracos, da mulher, da creança, do povo, de todos os que não possam ou não saibam rebater o mal.

E' por isso que tantos homens de talento ou de elevada jerarchia julgam que tudo lhes é permitido.

Ha ainda a opinião dos que declaram necessario que o homem se lance na luta social para alcançar a virtude, não propriamente fazendo o aprendizado do mal, mas aprendendo a tratar, a comprazer com elle.

Para poder exercitar o bem, não ha remedio senão fazer a bôca doce aos maus, captar o seu concurso, domesticá-los. É, associando-nos primeiro com elles, servindo-os, que depois os podemos ter do nosso lado.

Pertencem a este grupo os politicos que, tendo-se sinceramente, talvez, na conta de honestos, não duvidam acercar-se duma

alcateia de depravados para mais facilmente abrirem caminho e se desempenharem dos seus encargos da governação publica. E' indispensavel! dizem. A arte de governar é a arte de saber transigir, e de transigir a tempo. Não se deixe passar a oportunidade!

E ha-os de duas especies: os que são capazes dos maiores rasgos para servirem e dispôrem a seu favor a clientella, e os que têem medo aos grandes escandalos, mas vão semeando e multiplicando largamente os pequenos.

A todos sucessivamente se enroscam e sugam até á ultima gôta de sangue generoso os inumeros tentaculos do insaciavel pôlvo da corrução.

Se ao menos os que transigem com o mal, o denunciassem, manifestando por elle a sua repulsão, como o grande Pitt, de quem conta Macaulay que — forçado a entrar com um ministro pouco escrupuloso para um gabinete de salvação nacional, quando a Inglaterra se debatia nas grandes lutas do seculo passado — em lhe aparecendo alguem a solicitar um escandalo, despedia-o, indignado, exclamando: « Isso é lá com o meu colega, não é comigo! »

Não, não é, passando pelo vicio, que se chega á virtude. Não é ludibriando, prostituindo o amor, seja elle qual fôr, o amor, centro da vida de familia e fundamento de toda a solidariedade social, que se aprende a bem-querer, a amar.

Que paradoxo, a virtude do vicio!

A virtude não é como as terras daquelles antigos fidalgos arruinados, que, quando faziam um casamento vantajoso com pessôa menos qualificada, se desculpavam cynicamente, chamando a isso « estrumar as suas terras ». Ella não floresce na corrução.

QUINTA LIÇÃO

Se o choque das energias pessoaes, a luta social, não gera sempre a virtude, clamam os individualistas, é lastimoso, mas que remedio, pois doutro modo não ha progresso possivel! Sacrifiquem-se vidas e almas, que é para o bem geral.

O ensino, pretendendo alhear o individuo á luta de homem para homem, o que faz, é desarmá-lo e estorvar a marcha ascen-

dente da humanidade. A luta é a lei da perfectibilidade. Toda a assistencia social não só se frustra de encontro a esta lei, mas é mesmo atentatoria della.

A ensinar-se, ensine-se a luta social.

Será assim? Afirmá-lo-ha a historia? Já mostrámos que não. Mas alarguemos a demonstração.

Houve na historia da civilização um periodo tôrvo em que a luta parecia reger soberanamente a sociedade. Foi a Edade-Média. Luta de raça contra raça, de povo contra povo, luta dos castellos entre si e com as comunas, luta da inteligencia, luta dialectica, na escolastica, luta de sentimentos, torneios, nas côrtes dos palacios e solares, luta de consciencia, senão ainda propriamente pela liberdade do pensamento, pela liberdade da fé.

Era a escravização de todos os interesses á salvação da vida. Era o despotismo militar, defendendo e assoberbando, esmagando, todas as classes produtoras. Em nome da luta, se constituiu a sociedade feudal, e, em desespero della, se apelava para outro mundo melhor. Tendo-lhe sacrificado tudo por amor da vida, os homens acharam-se

reduzidos a renegá-la pela paz do tumulo, e a só da morte esperar a sua libertação.

Dante, que, pela fé é bem da Meia-Edade, critica-a tragicamente, dentro dos moldes da lenda christã, povoando com os seus algozes e os seus martyres o inferno, o purgatorio e o paraiso da imortal *Divina Comedia*.

E tudo que havia de inane, desastroso e grotesco na paixão da luta pela luta, fica para sempre memoravelmente insculpido na figura extravagante de D. Quixote. A comedia do heroismo medieval, fê-la mais tarde Cervantes.

A Edade-Média foi um tempo de heroicidade, de certo, mas tambem de violencias ferozes e injustiças crueis, um tempo de virtude, de santidade mesmo, mas tambem de mortificação e miseria, de intolerancia e fanatismo.

E, sem embargo, a humanidade progrediu.

Desse mar de lôdo e sangue brotou uma flôr de vida, a Renascença.

A Renascença é um regresso á vida, á paz, a este mundo, e, por isso mesmo, um

arranque de reacção contra o principio da luta social.

Perpassa novamente pelo mundo um sopro de amor. Vê-se que esta vida vale a pena de se viver. Admira-se a grandeza das civilizações passadas e as maravilhas dos novos mundos. Volta-se ao culto da natureza e da humanidade. O humanismo e o naturalismo renascem.

O amor da vida rebrilha em Camões, que não é só o épico dos lusiadas gloriosos, das armas e barões assinalados, mas tambem o poeta sublime da alma humana, o cantor do velho do Restello e da linda Ignez, o poeta sublime da natureza, das enseadas e dos cabos, das procellas e bonanças, e daquella capitosa ilha dos Amores sobre que a sua palêta derramou todas as meiguices. E esse amor desabrocha em tantos prodigiosos artistas, que remoçam a velha terra, desatando festivamente por toda ella uma florescencia de obras primas!

Criam-se e desenvolvem-se as sciencias.

Ha um enorme trabalho de organização social.

As lutas proseguem, os males tornam-se ainda tão incomportaveis, que rebentam

em protestos doloridos e ensanguentados, como a Reforma do seculo XVI, a Revolução de Inglaterra do seculo XVII e a grande Revolução francêsa do seculo XVIII. Mas no mundo moderno sente-se um incontestavel alivio, a humanidade respira.

A dupla corrente, naturalista e humanista, desborda pelo nosso seculo, e com ella irrompem juntamente os dois principios opostos, da luta e da solidariedade.

Faz-se mais que nunca a historia da natureza e do homem. O caracter realista do mundo moderno acentua-se. A filosofia torna-se positiva. Procura-se mesmo uma moral natural e humana.

As sciencias naturaes, num vertiginoso desenvolvimento, completam o seu cyclo pela creação da anthropologia. A arte volta-se tambem para a natureza, donde tira um ramo novo, a paisagem. A industria atinge uma fôrça incomparavel pela descoberta das aplicações do vapor e da electricidade.

Ao mesmo tempo faz-se a historia natural do espirito e a psicologia profunda as suas raizes até á alma da creança, do povo, do selvagem, do criminoso e dos animaes;

compõe-se o romance psicologico, apenas ensaiado anteriormente, e a arte revolve o coração humano até ás suas chagas e torpezas; á medicina acrescenta-se uma nova therapeutica, a do hypnotismo e sugestão das faculdades, que desce até ás molas mais reconditas do inconsciente.

E leva-se a historia do homem moral á intima perscrutação dos costumes e das instituições primitivas.

Mas o mal vai no encalço do bem. A religião da natureza dispõe-nos a amar os simples, mas o seu endeusamento ergue altar ao fatalismo, transportando-o para a vida da alma. A religião do homem, se por um lado cimenta poderosamente a cohesão social, por outro ameaça-a com os excessos convulsivos do individualismo.

Exemplo deste conflito e confusão foi o romantismo do principio do seculo, adorador da natureza e do povo, mas tão naturalista que chegava por vezes a desdenhar da vida social, e tão tradicionalista que até se encantava com as desordens feudaes da emotividade humana.

Exemplo deste conflito e confusão é o constitucionalismo polltico, este eclectismo

entre o governo hereditario e o governo da nação pela nação.

O nosso tempo é ainda de contradição, de crise.

Hegel abre o seculo dezenove, anunciando a sintese, isto é, a paz, pela antítese, isto é, pela luta; e toda a historia contemporanea parece dar-lhe razão.

As sciencias fisico-chimicas demonstram a conversão de todas as forças e portanto a sua unidade e solidariedade; mas, ao passo que inventam um sem numero de explosivos novos, que são outras tantas conflagrações de forças, afirmam que só têem estreita afinidade e se atrahem vivamente os corpos que mais entre si contrastam, e que é da colisão, do choque, do atrito que, por conversão da fôrça, resalta em vibrações o calor, a luz, a electricidade.

A biologia demonstra a transformação das especies, isto é, tambem a sua unidade e solidariedade; mas, assim como descobre os microbios, que tantas vezes colaboram para a nossa vida, quantas outras, verdadeiros explosivos organicos, pela sua tumultuaria multiplicidade espalham por toda a

parte a doença e a peste, é ella propria, é o proprio autor da teoria da unidade das especies, que vem declarar-nos que animaes e plantas só se transformam e aperfeiçoam no rude combate pela existencia.

A psicologia demonstra a unidade e solidariedade de todas as faculdades e de todas as suas creações, e dahi tira até a literatura efeitos novos, suprindo a pobreza do teclado dum dos sentidos com as notas e côres dos outros, do que é exemplo, entre nós, o delicioso soneto *Aromatografia* de Manuel Duarte de Almeida; mas ao mesmo tempo vai explicando muitas associações de idéas, sentimentos e acções por uma concorrencia vital em que tantas vezes se sufocam as mais generosas. E a filologia, que construe a arvore genealogica das linguas e dos dialectos, reunindo-as por laços de familia, é, comtudo, atravez das lutas de nação para nação e de região para região dentro de cada uma, que as faz passar no seu movimento transformista, o qual, por isso até, para alguns se afigura uma degradação.

A sociologia demonstra a solidariedade moral do homem, os seus deveres de coope-

ração e assistencia, o nosso seculo é o seculo em que mais intimamente se comunicam individuos, classes, povos e nações; mas, não obstante, ainda estrugem pelo ar gritos de odio e de agonia, desde o principio do seculo que as guerras se sucedem, guerras de conquista, guerras de nacionalidade, guerras de classe, e agora mesmo uma poderosa nação, que é modelo de grandeza moral, não hesita em violar brutalmente a independencia doutra nação, pequena pelo numero, mas não menos admiravel pelo heroico patriotismo dos seus filhos.

Em que sentido se resolverá este antagonismo? pela luta ou pela solidariedade?

Os grandes conflitos travam-se principalmente na natureza inorganica; e comtudo ahi mesmo á revolucionaria teoria das catastrofes se opõe hoje a teoria da evolução, que explica a historia da terra pela acção lentamente acumulada das causas actuaes, e, ahi mesmo, a mais pura expressão da solidariedade mineral, o cristal, se mostra incompativel com uma incessante agitação.

No mundo organico ha já uma grande acalmação. O crescimento da planta ou do animal exige um vigoroso esforço coorde-

nador, assimilador; quando a desassimilação prepondera, vem a doença e a febre, vem a velhice e a rapida consunção. Como a natureza organica procura a paz, vê-se na reprodução, em que ella tenta libertar-se da luta por meio dos orgãos protectores da vida germinativa ou uterina. O organismo preludia mesmo á virtude, porque possue o poder de selecção, que é proprio dos bons, não só de atrahir a si os seres, as substancias que lhe são beneficas, mas ainda de converter nellas as indiferentes ou virulentas.

Na sociedade a luta tende a extinguir-se. Povos e reis apostolam a paz. Os ricos, os felizes, não só socorrem os menos bem sorteados, mas dão-lhes participação nos seus lucros e abrem-lhes a sua convivencia. E a escóla, o ensino, vai por toda a parte enlaçando as almas.

Qual portanto a conclusão com que se fecha o nosso seculo? E' que se opera cada vez mais, mais intensamente e mais extensamente, o apaziguamento do mundo. A luta não póde, pois, ser a lei do progresso.

SEXTA LIÇÃO

Esta lição, que não chegou a sair impressa, desenvolvia a tese de que a nossa civilização se assinala sobretudo pela assistencia social aos fracos, aos humildes e infelizes, da qual são principaes formas, além da assistencia aos enfermos e anormaes, a assistencia á creança ou pedagogia, a assistencia á mulher ou feminismo, a assistencia ao povo ou socialismo propriamente dito, e a assistencia aos selvagens ou colonização, e que é, pela integração de todos os pequenos, desde a infancia das escolas, na obra colectiva e pela reparação de todas as fraquezas e taras individuaes por governantes e professores, que se vai elaborando a maior força, material e moral, da civilização contemporanea.

Congresso pedagogico hispano-português-americano *

Notas e memorias de professores da Universidade de Coimbra ou relativas a ella, comunicadas ao Congresso pedagogico hispano-português-americano que se celebrou em Madrid, em 1892, pelo organizador da representação portuguêsa, Bernardino Machado:

Mappas da instrucção primaria no districto de Coimbra, colligidos sob a direcção do dr. Bernardo de Albuquerque e Amaral.

Collegio dos orphãos de S. Caetano em Coimbra, pelo dr. Manuel Dias da Silva.

Apontamentos a proposito da Eschola industrial Brotero em Coimbra, por A. A. Gonçalves.

Nota sôbre a necessidade de nos archivos do Vaticano se fazerem investigações concernentes á historia de Portugal, pelo dr. José Maria Rodrigues.

* Veja-se *O Ensino*, pag. 273 a 294, do autor.

Nota sobre o ensino do hebreu em Portugal na actualidade, pelo dr. José Maria Rodrigues.

Os estudos economicos em Portugal, pelo dr. José Frederico Laranjo.

A Universidade de Coimbra, capitulo de uma obra allemã, traduzido e annotado pelo dr. José Maria Rodrigues.

A Faculdade de mathematica na Universidade de Coimbra (1872-1892), pelo dr. Luiz da Costa e Almeida.

Algumas informações sôbre o Observatorio Astronomico da Universidade de Coimbra desde 1872, pelo dr. José Freire de Sousa Pinto.

Observatorio Metereologico e Magnetico da Universidade de Coimbra, por Adriano de Jesus Lopes.

O ensino da chimica na Universidade de Coimbra, pelo dr. Sousa Gomes.

A cadeira de botanica na Universidade, pelo dr. Julio Augusto Henriques.

Noticia sobre o Muzeu zoologico da Universidade de Coimbra, pelo dr. Manuel Paulino de Oliveira.

Additamento á Memoria historica e commemoratica da Faculdade de medicina, pelo dr. Bernardo Antonio Serra Mirabeau.

Noticia da cadeira de histologia e physiologia experimental da Faculdade de medicina de Coimbra, pelo dr. A. A. da Costa Simões.

Curso supplementar de clinica cirurgica, iniciado em 26 de março de 1891, pelo dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios.

Noticia abreviada da Imprensa da Universidade e do seu Monte-pio de beneficencia, por Abilio Augusto da Fonseca Pinto e Joaquim Martins de Carvalho.

Introdução á pedagogia, por Bernardino Machado.

A questão universitaria

Na inauguração do Centro eleitoral de Belem

« O sr. dr. Bernardino Machado, catedratico da Universidade, hontem á tarde, na sessão solene de inauguração do Centro Eleitoral de Belem, protestou contra os processos universitarios, sustentando que, se houve desmandos lastimaveis contra quaesquer lentes, devem ser submetidos aos tribunaes comuns. E, quanto ás reivindicações liberaes da academia, afirmou estar inteiramente com ella, não admitindo que o governo pretenda, como disse o ministro das obras publicas, obrigá-la a voltar á normalidade para só depois lhe fazer justiça, quando o seu dever é, pelo contrario, começar de pronto a dar-lhe a justa satisfação para que ella volte confiadamente aos seus estudos; e declarou categoricamente

que, se em consequencia da sua nobre solidariedade colectiva nas revindicações liberaes — por que elle tem pugnado sempre e que com elle tantos dos seus colégas julgam absolutamente imprescindiveis e urgentes para o progresso do ensino e para as boas relações entre professores e alumnos — algum dos estudantes fôr, como caudilho desse honroso movimento, expulso das aulas por um archaico e falso criterio disciplinar, elle as considerará tambem para si fechadas. »

O Mundo de 26 de março de 1907.

A disciplina *

. . . . . .

. . . . . .

Os reaccionarios acusam-me de ser o promotor de todas as revoltas da mocidade. Serei. Mas, professor, falo aos estudantes como falo aos meus filhos. Na Universidade

* Conferencia no Centro democratico de Lisboa em 31 de março de 1907.

eu digo-lhes sempre: ella deve ser para nós como uma segunda patria; combatamo-nos dentro della, mas sem jámais a ferirmos, e que as nossas lutas internas sejam exclusivamente de idéas, porque só essas são dignas de nós. Disse-o publicamente a primeira vez que me coube proferir a oração chamada de sapiencia, após um anno lectivo de dissensões, em outubro de 1885, já lá vão quasi 22 annos. E tenho-o repetido constantemente, ainda nos mais recentes dias. Porque serei então revolucionario com os rapazes? Ah! é porque, ao mesmo tempo, voltando-me para os professores, eu tenho tambem proclamado sempre: o estudante é um homem e um cidadão livre. E, se quero que elle cumpra todos os seus deveres, quero egualmente que lhe reconheçam todos os seus direitos. Zombeteiam da sua capacidade mental os mesmos que zombeteiam da capacidade mental do povo, a reacção autocratica. E ficam depois indignados, quando os rapazes, como o povo, revindicam tumultuariamente, amotinadamente, as reformas liberaes! Pois é a consequencia lamentavel, mas fatal, dos seus grandes desdens.

Foi o que sucedeu ultimamente na Universidade de Coimbra. Ha quantos annos a mocidade academica faz a campanha das suas liberdades? Não houve momento solene em que as não reclamasse frementemente. E, ha quantos annos, de dentro do proprio magisterio saem vozes, pedindo-as, solicitando-as, instando por ellas? Porque a verdade é esta: libertar o aluno é libertar e dignificar tambem o professor; quanto mais livre o ensino, mais o professor é um eleito do aluno que o segue. A desconfiança do despotismo do professor, por parte do aluno, e a desconfiança da rebelião do aluno, por parte do professor, este antagonismo que os põe em conflito, fazendo com que o aluno vá até á insurreição violenta e o professor apelle para as repressões excessivas, provém do distanciamento em que vivem um do outro, não se conhecendo bem, não podendo portanto deixar de frequentemente se ferir com injustiças mutuas. E porque? porque não querem viver intimamente entre si? Não! porque não podem, porque o regimen das aulas não lhes deixa essa liberdade. E a prova está em que estes conflitos se dão principalmente na

Faculdade de direito, onde ao estudo falta a observação e a pratica, porque a Faculdade não tem sequer, como devia ter, uma banca de consulta para pobres, e onde o numero de alunos por professor é tão exagerado que se torna quasi impossivel a livre troca de idéas entre uns e outros, de modo que o ensino por causa do regimen tem de ser forçosamente automatico, de catechese. Por isso é nella maior que em nenhuma das outras Faculdades o distanciamento entre mestres e discipulos.

Os professores de direito doem-se dos desrespeitos praticados outro dia contra elles por qualquer exaltado do meio dos manifestantes? Tambem a mim me doeram, por uns e por outros. Mas esses professores não ouvem os apódos e doestos que por todo o país entoam recriminativamente á sua Faculdade tantos bachareis formados que della receberam uma carta, que aliás, até por decoro proprio, deviam prezar? Mas não lhes chegaram aos ouvidos, a proposito do actual conflito universitario, as ironias deprimentes que no proprio parlamento atiraram ao seu ensino dois membros das maiorias? Mas não leram no

orgão jornalistico do governo, dito e redito escarninhamente, que, se a Universidade se encerrasse por um anno, não era nenhuma perda nacional? Nada disto os afronta? Só dos agravos dos rapazes se queixam? A ninguem mais processam? Não pode ser! Processem mas é o regimen que, na Universidade como cá fóra, é o grande culpado.

Os agravos que, num momento passageiro d'exaltação mutua, um ou outro estudante cometeu, mas toda a academia, logo reunida em assembléa geral, repudiou, indo dar delles satisfação, castiguem-nos, se não têem grandeza d'alma para os perdoar. Mas castiguem, sujeitando-os ao fôro comum, em conformidade com o codigo penal, que, desde 1885, dispõe sobre a materia, e não ao fôro universitario, que, por falta de garantias para a defesa, desde que deixe de ser paternal, converte-se em inquisitorial. Nem sirva de embaraço o decreto de 1839 sobre disciplina academica, porque outro decreto ou uma lei o deroga. O que seria incrivel é que a Universidade que ensina o direito, o não praticasse. Castiguem, muito embora, se creem mais na eficacia do

rigor do que da bondade. Será triste que nada desculpe aos rapazes, aos pequenos, a mesma Faculdade que tudo desculpou ao antigo ditador, violador dos seus direitos, ao chefe do franquismo e actual chefe do governo, ao ponto de lhe dar dois dos seus deputados da maioria. Mas que fazer? O que não admitiremos, é que se deturpe o acto admiravel de solidariedade da academia, acoimando alguns dos seus membros de principaes autores de injurias aos lentes. Injurias, se as houve, foram individuaes; rapazes não se concertam para injuriar ninguem. Caudilhos, se os houve, foram do nobre movimento de emancipação dos estudos universitarios. E eu, que sempre a tenho propugnado, escusado é afiançar que, no momento em que, por essa causa, os estudantes correm perigo, estou com elles, repetindo aqui o que disse já no Centro Republicano de Belem: se em algum delles, como cabeça do movimento de reformas liberaes, fôr punido, por um obsoleto criterio disciplinar, precisamente o que esse movimento tem de bello e consolador, a sua unanimidade, emquanto para elle se não abrirem as portas da

Universidade, estarão tambem para mim fechadas.

. . . . . .

. . . . . .

Oficio do reitor da Universidade

Ill.^mo e Ex.^mo Snr.

Queira V. Ex.ª declarar-me com urgencia se é ou não verdade ter V. Ex.ª proferido publicamente na sessão solemne de 25 do corrente do Centro republicano escolar de Belem as expressões que lhe são attribuidas no jornal « O Seculo » n.º 9:071 de 26 d'este mez, nos termos seguintes:

« Apreciando de um modo geral a corrente democratica e liberal que se apoderou de todos os espiritos, o illustre cathedratico refere-se aos acontecimentos de Coimbra, dizendo que elles se filiam na ancia ardente de reforma que se assignala nas modernas gerações. Não insinúa nem aconselha os estudantes da Universidade a seguirem uma vereda limitada por ideaes politicos, elles procederão com espirito criterioso e a noção de justiça. Tem-nos tratado mais como

filhos do que como discipulos, merecem-lhe a sua sympathia e nunca a regateará. Estabeleceu-se uma situação anormal na cidade universitaria; se houve attentados e conflictos pessoaes, se individualmente alguns lentes foram attingidos, os estudantes arguidos de delictos devem ser entregues unica e exclusivamente aos tribunaes communs. Como republicano e como professor, exclama o sr. Dr. Bernardino Machado, eu lhes darei o meu apoio *.

« Esperam os estudantes da velha Universidade as resoluções do tribunal escolar. Não se sabe como terminará o conflicto. Todavia o orador declara que os academicos devem manter-se solidarios na sua causa. Se alguns alumnos, em virtude dos acontecimentos, fôrem expulsos da Universidade, devem unir-se todos no mesmo movimento de protesto.

« Se aquellas portas se fecharem para qualquer estudante, eu considero-as tambem fechadas para mim! exclama entre calorosos applausos o illustre cathedratico. Devemos

* Nota do autor: Decerto por lapso de reportagem, esta frase, que teria de vir no fim do periodo seguinte, appareceu no fim deste.

estar com os moços, porque mais para elles do que para ninguem é a tarefa que emprehendemos e o resultado dos esforços que todos empregamos. Devemos ter fé que para nós será tambem um quinhão, mas para elles a maior parte do bem que todos ambicionamos ».

Deus guarde a V. Ex.ª. Paço das Escholas, em 30 de Março de 1907.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Doutor Bernardino Luis Machado Guimarães, Lente Cathedratico da Faculdade de Philosophia.

O Reitor,

Dr. Antonio dos Santos Viégas.

Resposta

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Surprehendeu-me o oficio de V. Ex.ª. Então eu preciso ainda de dar provas da minha cordialidade para com todos, grandes ou pequenos, mestres ou discipulos? E é V. Ex.ª que ma põe em duvida, V. Ex.ª que, num lance critico da sua vida universitaria, quasi só com a minha consi-

deração publica se encontrou! Tenho bem o direito de lho recordar, não por mim, mas por V. Ex.ª.

Comprehendia-se que V. Ex.ª, apesar de todo o meu claro passado, levasse o zelo da sua estima pelo meu bom nome ao ponto de chamar a minha atenção para quaesquer palavras destoantes que algum jornal me atribuisse. Era dum colega e dum reitor. Mas intimar-me a dar-lhe explicações por ellas! V. Ex.ª não pensou de certo que se dirigia ao

Lisboa, 1-4-907.

De V. Ex.ª
Sempre att.º e vn.or

Bernardino Machado.

Carta ao "Mundo"

SENHOR REDACTOR!

.....

No mesmo numero do referido jornal do governo * diz-se tambem que fiz conferen-

* O *Diario Illustrado.*

cias com os estudantes de Coimbra, quando rebentou o conflito universitario; que, quando tudo ia voltando á normalidade, lancei pelo meu discurso de Belem nova agitação nos espiritos; e que dei indirectamente, no jornal *O Mundo,* ao reitor da Universidade as explicações que directamente não lhe quiz dar, em resposta ao seu oficio. Nada disto é exacto. Não tive conferencias com estudantes; mas á comissão dos meus discipulos, na aula, e aos outros estudantes que foram a minha casa, chamados por mim, dei, como costumo, os conselhos de cordura que dou sempre, porque me julgo obrigado para com elles a essa acção educativa. Depois, conservei-me silencioso, esperando por uma solução equitativa do conflito. E, só quando vi que alguns estudantes estavam ameaçados de ser punidos, não por injurias individuaes aos lentes, mas sob a acusação de serem os instigadores dessas injurias, como se a academia se tivesse concertado para as cometer, deturpando-se assim o sentido moral da solidariedade academica, que, determinada por um impulso generoso de camaradagem, logo se elevou a toda a altura duma nobre

reivindicação de reformas liberaes e portanto de progresso do ensino, só então é que em Belem, sem deixar ainda nessa occasião de censurar expressamente quaesquer desacatos que porventura tivesse havido, eu declarei que, se tão injustas condenações se consumassem, e algum estudante fôsse, por esse motivo, expulso, as portas da Universidade, ao fecharem-se para elle, se fechariam tambem para mim. Finalmente, nada escrevi no *Mundo* sobre o caso; mas, se o tivesse feito, as explicações que do meu discurso de Belem désse pela imprensa para restabelecer a verdade dos factos, era ao publico que eu as dava e não ao governo, nem ao reitor, seu delegado.

Agradecendo-lhe a fineza da publicação desta carta, tenho a honra de me subscrever

S. C. 4-4-907.

Seu am.º
m.to ded.º e grato,

Bernardino Machado.

Carta aos estudantes

MEUS AMIGOS!

Estou sempre no meu posto, em defesa da Universidade, e tanto dos seus discipulos como dos seus mestres.

Quando o actual presidente do conselho, ministro do reino então como agora, preteriu os direitos do lente Alves Moreira, da Faculdade de Direito, fui eu que instei por que a Universidade, em claustro pleno, verberasse semelhante atentado, e só eu tirei delle mais tarde desforço por todo o corpo docente, opondo-lhe o meu protesto solene na sala dos capelos. Assim tenho testemunhado em todos os lances a minha fiel camaradagem aos meus colégas. Uma ocasião, para defender dois delles aleivosamente acusados, cheguei a arriscar a simpatia da população de Coimbra para comigo e a ver voltados contra mim mesmo varios outros colegas. Mas defendi-os atravez de tudo e de todos até se provar por completo a sua inocencia.

Na sessão de abertura das aulas em que, pela segunda vez, proferi a oração chamada de sapiencia, as novas doutrinas que sustentei, foram oficialmente contestadas pelo vice-reitor. A sua apologia da ditadura irritou muita gente, sobretudo, é claro, no partido republicano. Pois escrevi aos jornalistas meus correligionarios para que, combatendo-o, não confundissem com elle a Universidade, onde, dia a dia, apesar de todos os factos em contrario, a corrente liberal engrossa irresistivelmente.

Mas, se pugno pela justiça a todos, professores e alunos, e pela honra e decóro da Universidade, não ha duvida que aos estudantes devo uma defesa paternal, a que estou comprometido pela propria acção educativa que procuro sempre exercer sobre elles, aconselhando-os, ralhando-lhes, e, permitam-me elles dizê-lo, mesmo castigando-os.

Ainda agora, ao rebentar deste conflito, áquelles com quem pude falar, eu aconselhei a não deixarem nenhum dos seus companheiros desacatar nem a Universidade nem os seus mestres. Não ha muito, os increpei por haverem dirigido ao reitor um

requerimento cruel precisamente contra o lente vice-reitor que impugnara tão acerbamente a minha oração inaugural. E estou sempre a recomendar-lhes que se preservem das intemperanças de linguagem. Por causa de que referencias inflamadas e irreverentes demais imaginarão os monarchicos que eu, revolucionario, como elles apregoam, incitador de revoltas, como hontem me chamou o presidente do conselho, obstei a que fosse reproduzido na integra pela imprensa do meu partido um manifesto academico contra a expulsão parlamentar dos deputados republicanos?...

Por isso, se, como disse, tenho a obrigação, tenho tambem o direito e talvez a autoridade para intervir pelos estudantes junto dos professores e dos poderes publicos, quando elles são injustamente tratados.

Fi-lo, estando o processo do actual conflito universitario pendente do conselho de decanos, logo que os oficios da reitoria a alguns estudantes me inspiraram receio de desmedidos rigores. Protestei contra a confusão da solidariedade de todos no movimento de reforma com a cum-

plicidade colectiva nos desmandos individuaes dum ou doutro, pondo mesmo na balança o peso, embora diminuto, dos meus serviços. Infelizmente nada consegui: o conselho de decanos levou ao cabo o seu deploravel proposito, condenando sete estudantes á expulsão como cabeças de motim.

Sem desnaturar a questão, eu tenho portanto agora de reclamar do governo que a resolva.

Em 1902, fez a academia na sala dos capêlos uma manifestação tumultuaria de hostilidade ao bispo do Porto e aos membros do corpo docente que lhe eram mais adictos. Fechou-se a Universidade. E, ao apurarem-se as responsabilidades, todos os estudantes se declararam solidarios na manifestação, não porque não venerassem naquelle prelado o missionario Barroso, apostolo da civilização e padre patriota, mas porque não podiam tolerar que se pretendesse, festejando-o então, consagrar na Universidade a reacção, de que elle acabava de ser o porta-estandarte, ao levar ao paço a mensagem dos bispos em favor das ordens

religiosas *. Como foi que, dessa vez, se castigaram os manifestantes? Publicando no decreto de reabertura das aulas uma admoestação a toda a academia.

No caso presente, os desacatos, se os houve, foram exclusivamente individuaes; e não só a academia não foi solidaria nelles, mas repudiou-os formalmente em assembléa geral, de modo que bem se pode dizer que os seus autores ficaram logo punidos. Apesar disso, inventaram-se instigadores desses excessos para se expulsarem da Universidade por um e dois annos. Não pode ser!

Não quero fazer desta questão uma questão politica, muito menos no sentido irritante da palavra. O governo, proclamando que não se derogará a sentença do conselho de decanos, é que a está fazendo, porque torna necessaria para a solução della a sua queda.

Não teime! Seja logico comsigo. Ha pouco ainda aconselhou ao poder modera-

* Já então o autor, á frente da Associação liberal de Coimbra, a que presidia, se puzera egualmente ao lado da academia.

dor a comutação da pena d'expulsão dum aluno que o conselho de decanos condenara tambem por agravos aos seus lentes, em oito dias de reclusão na cadeia academica. Mais obrigado está moralmente agora a submeter o processo á revisão do conselho superior d'instrução publica; e, se não houver meio d'anular a sentença, recomende egual comutação de pena. E, meus amigos, levem então a sua solidariedade ao ponto de pagaram uns pelos outros.

Liquidados sem rigores odientos os desmandos individuaes dos estudantes, que resta para se restabelecer a normalidade das aulas e, com ella, as relações entre mestres e discipulos? Que vão trabalhar juntos, até na reforma do ensino e da disciplina, na propria Universidade. Nomeie ella para este fim uma comissão de lentes, com a clausula d'ouvirem um estudante delegado eleito pela academia em cada Faculdade. E assim tudo reserenará, creio.

Senão, á violencia legal do poder responda a academia com a resistencia legal. Não vá ninguem ás aulas. E' o seu direito.

O ensino superior não é, nem pode ser obrigatorio. Refere o grande professor da Faculdade de Direito, Coelho da Rocha, citando a chronica dos godos, que elles « tinham tal ciume pela liberdade, que não aprovavam que se dessem mestres aos principes, com receio de que o medo e o respeito lhes fizesse perder a coragem. » Penso tambem que, á custa da sua independencia e dignidade, nenhum rapaz deve cursar uma aula. Ou ensino liberal do nosso tempo, ou antes nenhum. Se haviam só mais tarde de servir a nação, começarão desde já a prestar-lhe o seu contingente, trabalhando, dando lições com o que já sabem, e sobretudo sacrificando-se nobremente para fazer della uma nação d'homens livres.

E, animo! que hão de vencer na sua generosa campanha. Os nossos adversarios, alarmados, gritam que a sua agitação pelas legitimas revindicações é obra dum partido, dum homem. Como se enganam tão cegamente! E' a obra de forças bem mais potentes. E' a sociedade portuguêsa que avança. Contem, pois, com o seu firme apoio.

Mando-lhes essa copia de parte duma carta que hontem recebi dum dos nossos bons parocos.

« Sr... Pelo relato dos jornaes é-me tão simpatica a atitude de V. nos acontecimentos de Coimbra, que, vendo-o... colocar-se na defesa dos bons principios em beneficio dos pequenos, os estudantes, não posso conter o meu aplauso sincero nem esconder a V. a melhor parte dos afectos do meu coração agradecido. Não tenho em Coimbra estudantes de familia, tenho apenas dois filhos do meu amigo dr. F., que foram meus comensaes. Interpretando, pois, os sentimentos desses dois amigos, venho por mim e por elles testemunhar a V. a minha admiração e o mais subido reconhecimento. De V. O abade F. 3-4-907. »

Eis o que se ganha em defender uma causa justa. E, como vêem, meus amigos, nesta nossa solidariedade eu é que sou já

Lisboa, 7-4-907.

Seu devedor muito obrigado,

Bernardino Machado.

Oficio de exoneração

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra d'apresentar a V. Ex.ª a minha exoneração de lente catedratico da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra.

Deus guarde a V. Ex.ª, Ill.mo Ex.mo Sr. Reitor da Universidade de Coimbra.

Coimbra, 16 de abril de 1907.

Bernardino Luis Machado Guimarães.

Já depois de ter resolvido exonerar-me, sobrestive na remessa deste oficio até me inteirar de que, contrariamente ao que se propalava, nenhum processo academico fôra instaurado contra mim.

A questão academica *

E' preciso lembrar o principio desta questão, diz-nos o dr. Bernardino Machado.

* Entrevista com Mayer Garção, do *Mundo*, em 6 de junho de 1907.

Sete estudantes foram victimas duma sentença injusta ditada pelo mais descaroavel despotismo. No seu julgamento preteriram-se todos os direitos de defesa, não se lhes articulando sequer expressamente, para elles poderem justificar-se, os factos da acusação. Isto numa Universidade onde ha uma Faculdade de direito, isto num processo judicial organizado por uma Faculdade de direito! E assim se condenaram, como chefes de desacatos contra alguns lentes, estudantes que tenho a certeza de que só num momento de exaltação os cometeriam, e que eram inteiramente incapazes de os planear e dirigir. Dum delles sei eu que nem estava na Universidade durante os disturbios. Poderá testemunhá-lo um dos proprios lentes que se diz haverem sido desacatados pela academia. Pois o acordam do conselho dos decanos afirma que elle lá esteve, e expulsa-o por dois annos!

Que devia fazer a academia perante tamanha injustiça? Protestar. Foi o que fez quasi unanimemente. Que devia fazer o governo? Promover a revisão da sentença para a causa ser de novo julgada com todas as garantias de justiça. Confir-

mar-se-hia ou não o acordam dos decanos, conforme fôsse justo. E todos ficavam satisfeitos. Em vez de o fazer, o governo manteve encarniçadamente a sentença, usando para isso das armas ainda mais defesas, da intimidação, do suborno, da intriga e da calunia, armas defesas sobretudo contra rapazes, contra o seu animo generoso, contra a sua cordialidade, que para todos deve ser sagrada. Nem quando elles façam o mal, os havemos de humilhar; mas, quando elles cumprem nobremente as suas obrigações de camaradagem, abatê-los é um crime.

Porque procedeu com tão aleivosa parcialidade o governo? Seria elle o incitador da sentença?

O despotismo no governo da escola prepara e assegura o despotismo no governo da nação. E ambas estas formas do despotismo tem perpretado entre nós a monarchia nos ultimos tempos, de ambas tem tido por principal executor o actual presidente do conselho de ministros. De 1894 a 1897, o governo do engrandecimento do poder real centralizou o ensino primario, monopolizou o ensino secundario, e desferiu os

seus primeiros golpes na independencia do ensino superior, demitindo o secretario da Universidade, Cerqueira Coimbra, e suspendendo a promoção a catedratico do lente Alves Moreira. Eis a obra que o chefe do governo pretende agora levar a cabo. Conscientemente, deliberadamente? Não o penso. Cegamente, arrastado impulsivamente pelo seu temperamento despotico.

A sua acção na Universidade denuncia-se pela sua acção na politica, e reciprocamente. São paralélas.

A concentração chamada liberal foi, antes de mais nada, a concentração de franquistas com progressistas na Universidade, e principalmente na Faculdade de direito. Com esse bloco de professores que, esquecidos tambem dos agravos do antigo ditador á sua magistratura social, se lhe entregaram, implantou elle na Universidade o seu governo, como, com o outro bloco dos pares do reino e dos deputados concentrados, lançou as garras no governo da nação. E, dentro em pouco, se uns lhe fizeram actos de submissão, expulsando do parlamento os deputados republicanos, egualmente os outros se lhe submeteram,

expulsando da Universidade os estudantes republicanos. Foi, sujeitando-os ao mesmo desaire, que elle exautorou todos os poderes constituidos, tanto politicos como educativos. Depois veiu o encerramento da Universidade e o encerramento do parlamento. Depois a dissolução do parlamento e, podemos infelizmente acrescentar, a dissolução da Universidade, que deixou de existir de facto como corporação, desde que o governo separou o professor dos alunos e até os alunos entre si, servindo-se para essa dissolução, como para a outra, do rei, senão do rei directamente, dum delegado pessoal do rei. Por isso toda esta obra dissolvente, a nação a imputa á suprema responsabilidade do chefe do estado, ao regimen. E sobre esta dissolução impoz finalmente o governo, com o maior despejo, a sua ditadura de suborno tanto das escolas como da nação. Em suma, o autor dum despotismo é incontestavelmente tambem o autor do outro.

Poderemos contar com os dois antigos partidos monarchicos na luta contra a ditadura docente? Muito menos do que na luta contra a ditadura politica. Os

regeneradores não a combatem, e os progressistas colaboram nella, sem verem que a sua cumplicidade na ditadura docente, enfraquecendo-os moralmente, dá alentos ao governo para, como elle diz, ir para a frente na ditadura politica. Os telegramas em que diariamente o actual reitor da Universidade, caudilho do progressismo, anuncia ao ditador — « Victoria! Matricularam-se mais tantos estudantes! » — são para todos, mas principalmente para o partido progressista, anuncios de derrota.

A nação hoje, para a defesa das suas franquias, sejam quaes forem, só póde contar confiadamente com a força do partido republicano, que todas ellas revindica sem treguas, mas sem nenhum espirito de facção, cada vez mais intimamente identificado com a alma livre da nação inteira. Assim temos feito a nossa campanha na questão academica, assim a proseguiremos.

Cumpre-nos neste lance proclamar bem alto que o decreto com que o governo mandou encerrar matricula nos estabelecimentos d'ensino superior, é, como todos os seus decretos ditatoriaes, ilegal, e, como tal, írrito e nullo. Não obriga a ninguem,

os professores não o devem executar; nem confere direitos a ninguem, os estudantes devem desprezá-lo. Vai nisso a hombridade de todos.

Haverá perante a ditadura mais valor nos negociantes e nos caixeiros do que nos professores e nos estudantes? Mal de nós, que já não temos bons governantes, se ficarmos tambem sem bons professores! Mal de nós, quando os dirigentes de hoje são já tão maus, se os de amanhã não forem melhores! Mas não, não pode ser! Aos professores direi: sejam mais que nunca, neste momento critico, os educadores da nação. E aos estudantes: entrem dignamente na vida, não a maculem para sempre com a ignominia da sua mocidade. Olhem que os primeiros a lançarem-lhes mais tarde em rosto o seu passado, são os que hoje tentam, por todos os meios, suborná-los. Para que continuem a poluir-se. A tirania é insaciavel. Depois das primeiras conivencias do magisterio superior, que lhe disse ella? que elle não cumprira ainda cabalmente o seu dever e por cobardia moral não tinha até então chamado de todo os estudantes á ordem. E o magisterio encorajou-se, e

os estudantes têem sido chamados á ordem. Todos os dias os jornaes do governo dão noticia dos alunos matriculados, como quem dá noticia dos mortos numa batalha. Pobres estudantes! Pobres professores! A tirania hade tratá-los tão impiedosamente como ella tratou o reitor que presidiu á sentença do conselho de decanos!

INDICE

	Pag.
O marquês de Pombal	7
Museu d'historia natural	35
Carta d'habilitação	37
Classificação dos alunos	41
Explorações mineralogicas, botanicas e zoologicas	43
Creação do ensino d'anthropologia	45
Naturalistas ajudantes	51
Professores de desenho	53
Guarda de fisica	55
A disciplina academica	57
Fusão das Faculdades de matematica e de filosofia	69
Extensão universitaria	75
Abolição do juramento	83
A Universidade e a Nação	85
Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho	119
Dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo	125
Dr. Damasio Jacintho Fragoso	127
Dr. Julio Cesar de Sande Sacadura Botte	129
Dr. Angusto Rocha	131
Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau	137
Dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco	141
Dr. Antonio Augusto da Costa Simões	143
Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto	147

	Pag.
Dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios . . .	151
Dr. Antonio Henriques da Silva	153
João Rodrigues Vieira	157
Dr. Francisco Antonio Diniz	159
O licenciado Alberto Pessoa	161
Dr. João Jacintho da Silva Corrêa	163
Anthero de Quental	169
João Penha	177
Saraus do Instituto	185
Recepção aos novatos	193
A Academia de Coimbra	199
A Estudantina de Santiago de Compostella . .	227
A Estudantina de Valladolid	237
Conferencias de pedagogia	241
Congresso pedagogico hispano-português-americano	299
A questão universitaria	301

OUTRAS OBRAS DO MESMO AUTOR

As creanças. Notas dum pae, 1 vol., 2.ª edição, 1904.
O ensino, 1 vol., 1898.
O ensino primário e secundário, 1 vol., 1899.
O ensino profissional, 1 vol., 1900.
A industria, 1 vol., 1898.
A agricultura, 1 vol., 1900.
Os meios de comunicação e o comercio, 1 vol., (em via de publicação).
Homenagens, 1 vol., 1903.
Da monarchia para a republica, 1 vol. 1905.
Pela Republica, 1 vol., 1908.

60984 81800